ANNO XXXI -- N. 48 Preço 1$200 15 de Novembro de 1930

Visitem a linda exposição dos productos "4711" na CASA HERMANNY, Rua Gonçalves Dias 50.

Este numero consta de 44 paginas.

ANNO XXXI | Rio de Janeiro, 15 de Novembro de 1930 | NUMERO 48

BERILO NEVES

BRINDE Á PRIMAVERA

Emfim chegaste, Primavera, toda carregada de flores e de mimos, como uma noiva que vai para o altar... A tua cintura era esbelta e flexivel como o talhe de uma palmeira nova; os teus braços eram como ramos de arvores, levantando para o céu a oblação sazonada dos frutos, e nos teus cabellos — como uma floresta em manhã de sol — bailavam, e fulgiam, raios tremulos de luz...

Sorrias, Primavera, e o teu sorriso era como um ruido claro de aguas puras saltando, e fugindo, por sobre pedrinhas polidas e amaveis. Tua bocca era como um botão de rosa que se abrisse, de subito, para o grande beijo fecundante do sol e da vida...

Porque brincavas e sorrias, e tinhas um cheiro bom de flores recem-abertas, os moços correram alegremente a receber-te, e te festejaram e amaram como a uma Deusa... Coroaram-te de rosas, como convém a uma creatura tão gentil e tão doce... Dansaram e cantaram em redor de ti, como se faz á volta das divindades, que distribuem, entre os homens, as alegrias e as dores... E sahiram por toda parte a proclamar, em altas vozes, que tu, Primavera, tinhas chegado, e sorrias!...

Pobres moços que ainda se illudem com as graças de um sorrir e os rumores de um dansar! Pensam, os miseros, que vais ficar com elles toda a vida, e com elles dansares e cantares entre arvores amigas, fazendo baloiçarem os seus ramos fecundos, de onde pendem, como de braços amigos, os frutos de ouro da Illusão!

Não sabem que és Mulher e, como Mulher, cheia de artificios e de enganos... Não sabem que, amanhã, a tua cintura ficará hirta e immovel, como uma lousa tumular; que os teus braços seccarão, como os ramos das arvores mortas, e que a tua bocca, que cantava, será inerte e fria como a bocca que não deseja a nossa bocca... Então, tudo estará mudado. Nem gorgeios de canora ave, nem rumores de fonte aligera, nem bailados de folhas tremulas no salão de baile da Natureza. Todo o céu estará côr de cinza e de tédio. A cada canto, uma flôr que não foi fruto. Aqui e alli, ramos mortos, que cahiram sem sentir, na sua carne triste, o zumbir inquieto das abelhas doiradas e a marcha nupcial dos ninhos novos...

Tú, Primavera, és o symbolo vegetal da vida humana. Tens a belleza falsa de todos os sonhos, a fascinação perversa de todas as mentiras. Para que nos trazes flores se, amanhã, serás arvore morta, sob o céu impassivel? Para que sorris e cantas se, amanhã, serás silencio e tristeza? Para que finges noivados eternos, se apenas annuncias a desolação e a morte? Não é melhor *não ser* nunca do que *ser* no espaço fugitivo de uma manhã, no breve reinado de uma rosa, na passageira alegria de um trinado?... As pedras não soffrem nunca, porque sempre fôram pedras... Se o granito florisse botões de rosa, e amanhã voltasse a ser granito, como se julgaria desgraçado! Nós, homens mortaes, somos assim, Primavera mentirosa: hoje, cobrimo-nos de rosas; amanhã, somos uma pouca de cinza... sob o Silencio.

Antes ser, toda a vida, pedra tumular... O tumulo não floresce mas, tambem, não muda.

E' sempre tumulo... E, como tal, quieto, sereno, infinitamente feliz e estavel...

Nós somos como folhas seccas que o vento faz dansar... As creanças pensam que as folhas seccas que o vento leva têm vida... Não sabem que ellas fazem o bailado dos mortos, ao som de uma orchestra que está no Infinito...

Assim sendo, eu te saúdo sem amor e sem alegria, Primavera dos tempos, deusa amiga das arvores e das flôres. Tu não és propicia aos Homens porque não lhes trazes o divino dom de reflorir... O Passado é um campo santo onde ha phosphorescencias de saudades. Nada mais. A luz que nos vem delle é triste como a que allumia os mortos. Cheira a officios funebres e tem a pallidez profunda dos que vão morrer...

Prefiro, aos teus risos falsos, a tristeza universal do Outomno. Porque o outomno é a estação das almas que amadureceram no soffrimento e no desengano. E' a quadra amavel dos philosophos, que pensam muito, e dos poetas, que sentem demais... Cantar a Primavera é cantar a inconstancia dos sêres e das cousas, a eterna fragilidade da Vida.

O outomno é uma oração da Natureza ao Deus de todas as eternidades do tempo e do espaço... E' um acto de fé e uma realidade do Cosmos. A Primavera é um folguedo das cellulas vegetaes, um dia de festa das arvores... Os homens sérios não bailam, como as creanças e as mulheres: preferem pensar, para sentir...

Volta, Primavera enganadora, ao seio dos tempos de onde vieste coroada de rosas, arreada de guisos. Para que nos trazes esse sorriso claro se amanhã a tua bocca será dura, e inutil, como a das pedras que se partem? Para que nos fazes festas se, por trás das tuas vestes flammejantes, sentimos a macerada tristeza do Outomno, que é como um monje amortalhado em vida? Para que cantar se, logo, a lei da destruição nos ha de afogar o som na garganta e a alegria na alma? Primavera! Primavera! E's linda como a Vida e mentirosa como a Mulher!...

Eu brindo, em ti, a eterna ingenuidade dos Homens, que ainda crêem no Tempo, que é uma variação espectaculosa do Nada...

O passado não morreu

conto de Germaine Beaumont

JULIETA FIRGOUSIN terminara a arrumação matinal dos seus aposentos e sentava-se diante da machina de escrever, quando bateram á porta. Um tanto admirada, porque raramente recebia visitas, Julieta levantou-se, dirigiu-se á saleta de entrada e, abrindo a porta que dava para o patamar, viu diante de si um homem ainda moço, de lucto pesado.

— Mademoiselle Firgousin?

— Sou eu.

— Ah, é... E não me reconhece, mademoiselle?

Julieta hesitou um momento, fitou bem

os olhos no rosto do visitante e recordou-se:

— Gastão Letourdel.

— E' verdade, sou eu mesmo. Podia me conceder alguns minutos de attenção?

— Tenha a bondade de entrar.

Gastão Letourdel entrou, depoz o guarda-chuva e o chapéu no cabide da saleta, descalçou e dobrou cuidadosamente as luvas. Via-se logo que era um rapaz caprichoso, methodico. E, chegado ao recinto que servia ao mesmo tempo de sala de jantar e sala de visitas, lançou em volta um olhar de approvação:

— Está muito bem installada, mademoiselle...

— Queira sentar-se... respondeu ella, para abreviar a conversa. — Que deseja de mim? A sua visita, ao cabo de tantos annos...

Letourdel assumiu um ar compenetrado e sentou-se ou, por outra, conferiu a uma cadeira a honra de lhe receber o corpo que, no seu entender, devia ser divino, embora aos olhos doutrem deixasse bastante a desejar. De certo a natureza se tinha distrahido ao compôr-lhe a figura que tão mal ajambrada havia de sahir. Realmente Gastão tinha nariz de mais, queixo de menos, mãos enormes, braços curtissimos; e a conformação da sua caixa craneana despertava atrozes duvidas quer sobre a quantidade quer sobre a qualidade do conteúdo.

Confortavelmente installado, Gastão esperou ainda um momento e declarou:

— Queria que me dissesse, mademoiselle, onde poderei encontrar Sofia Daunay.

— Senhor Letourdel!

Desconcertado pelo grito irreprimivel e a evidente indignação da dactilographa, Gastão baixou a cabeça:

— Eu sei... Eu sei que lhe ha de parecer esquisito...

— Esquisito? Mais do que isso! exclamou Julieta Firgousin — Não se compehende que, tendo o senhor abandonado Sofia como a abandonou, procure agora tornar a vel-a!

— Perdão, eu não... eu não... a abandonei... gaguejou Gastão. — Foi a vida que nos separou numa edade em que nem ella nem eu tinhamos força bastante para lhe resistir.

— Sofia estava disposta a tudo.

— O meu caracter e a minha noção do dever impediam-me de acceitar tão grande sacrificio... Além disso...

— Além disso, a sua familia arranjou-lhe uma noiva de familia abastada e, entre ella e a minha amiga que só tinha de seu a mocidade e a belleza, o senhor não hesitou um segundo. Escreveu uma carta abominavel á pobre Sofia que preferia morrer a...

— Morrer! atalhou Gastão, impressionado.

— Espero, em todo o caso, que não tenha morrido!

E tão vehemente, tão sincero foi esse grito de alma que Julieta se commoveu deveras.

— Tranquillize-se. Sofia está viva e sã.

— E eu estou viuvo... murmurou Gastão. — Viuvo ha oito dias...

— E é por isso que me vem perguntar a morada de Sofia...

— Justamente. Poderá a senhora indicar-m'a?

— Ao cabo de dez annos... E não reflecte que talvez Sofia tenha mudado de feições, até de sentimentos...

— Que importa!

— Quer dizer... que a não esqueceu...

— Onde mora ella? implorou Gastão; onde mora?

Julieta ia responder, mas deteve-se prudentemente...

— Escute, disse ella, actualmente não sei bem onde Sofia está morando. Ha tempo já que nos não encontramos, ella mudou de casa... Preciso de procurar o bilhete em que ella me participa a sua nova residencia... e agora não tenho tempo... Um trabalho urgente que sou

Senhora Maria Monteiro da Silva e o admiravel espécimen de sua propriedade — a cadella Bessy — 1.º premio da exposição canina.

obrigada a entregar hoje mesmo... Pode voltar amanhã?

— E logo á tarde?

— Não. Amanhã.

— Mas amanhã... sem falta?

A voz de Gastão denotava uma ansiedade immensa...

— Pode ir descansado. Sem falta.

Gastão levantou-se e despediu-se de Julieta com um ar ceremonioso que singularmente contrastava com a sua vehemencia ao fallar de Sofia. E, uma vez sozinha, Julieta reflectiu longamente. Lembrava-se do tempo em que, empregada do mesmo escriptorio e companheira de Sofia á volta para casa, assistia, como testemunha involuntaria primeiro, depois como confidente, á dolorosa paixão da pobre moça por aquelle rapaz que tão pouco digno parecia de tal sentimento... Agora, porém, os factos desmentiam a opinião de Julieta. Um homem que, passados dez annos, volta sem hesitar a um amor da mocidade não pode ser summariamente condemnado. Em summa, talvez Gastão fallasse verdade. O culpado, o verdadeiro culpado fôra o destino. Sim, mas era preciso não pensar apenas em Gastão, devia se pensar tambem em Sofia; e Julieta mentira declarando ignorar onde ella morava... As duas amigas queriam-se cada vez mais e continuamente se encontravam.

No dia seguinte, pontualissimo e com o guarda-chuva debaixo do braço embora fizesse um tempo magnifico, Gastão apresentou-se, a saber a resposta. Então Julieta, muito pallida mas num tom de grande firmeza e decisão, fallou-lhe nestes termos:

— Escute, sr. Letourdel... Eu reflecti. E o senhor me dará razão. Deixe a minha amiga em paz. Nos primeiros tempos depois que o senhor a abandonou, a pobre rapariga soffreu horrivelmente. Depois, foi se resignando, foi se consolando... Encontrou ultimamente um excellente rapaz que a ama deveras e vae casar com ella. E tudo leva a crer que serão ambos muito felizes. Ora, se o senhor agora lhe apparece, talvez ainda a impressione, a perturbe... e a faça padecer outra vez. Portanto, appello para os seus sentimentos de homem de bem. O senhor gozou já as alegrias do amor legitimo, as doçuras do lar... Não se opponha agora a que Sofia conquiste tambem um pouco de felicidade.

Gastão, que olhava Julieta com um ar apatetado, atalhou por fim:

— Mas não se trata de nada disso! Lá quero saber da felicidade de Sofia! A questão é que, depois de viuvo, resolvi tratar eu mesmo, por economia, dos arranjos da casa. E lembrome que, naquelle tempo, Sofia conhecia uma receita estupenda para lustrar o soalho. Era isso que eu lhe queria pedir — e nada mais!

Espiritismo...

O Luiz Estrada reunia, quasi todas as noites, na sua sala, um grupo de companheiros, intellectuaes como elle, trocando idéas e palestrando sobre as bellas letras e ártes correlativas. As palestras prolongavam-se até meia-noite, hora em que todos batiam em retirada,

evitando o abuso prolongado, porque a familia do dono da casa, methodica e ordeira, entrava cedo em valle de lençóes, e deixava o chefe a lidar com os collegas.

Nesse tempo, as palestras eram convidativas; a sala do Luiz, coberta de peças antigas e reposteiros pesados, illuminada tenuamente pelos bicos de gaz pisquento, ajudava a concentração dos rapazes e emprestava um ambiente commovedor. Numa dessas noites, de calor senegalesco, a familia recolhera mais cedo e Luiz, com os amigos, cavaqueava em voz baixa, no goso reciproco do verso e da prosa, que cada um impingia para regalo geral. Aconteceu que, em meio da palestra, veiu á baila o espiritismo, então em voga pelo celebre processo da "mesinha de pé de gallo". Quasi ninguem acreditava nessa historia; mas o Luiz, surdo e myope, mostrava-se curioso, sentia desejos de fazer uma experiencia, tirar uma prova na primeira opportunidade.

Conversa vae, conversa vem, como o

calor augmentasse o Luiz levantou-se:

— Não era má idéa uma cervejinha agora... Todas as cabeças acenavam de modo affirmativo por unanimidade.

— Bem, disse elle, meu povo está dormindo, eu mesmo irei buscar lá dentro o precioso nectar.

Sahiu da sala e os rapazes, como tocados por occulta móla, planejaram uma partida, em surdina. Rapidos puzeram ao centro da sala uma mesinha redonda, das taes de pé de gallo, sentaram-se em volta, emquanto o Agenor, o mais brincalhão, cobria o corpo com um reposteiro arrancado do lugar proprio, punha na cabeça um capacete historico e empunhava uma lança medieval, objectos tirados da panoplia que havia a um dos cantos. Escondeu-se depois atrás de uma das portas, á espera do momento azado.

O Lima diminuiu a chamma do bico do gaz, a sala ficou ainda mais penumbrada e era impressionante o quadro, onde todos, em torno da mesinha, se mostravam concentrados com a maior gravidade deste mundo.

Quando o Luiz appareceu á porta, com a bandeja, cinco copos e tres garrafas, estranhou a scena e estacou, attento.

As vozes mussitavam, a mesa dava pancadinhas surdas, os circumstantes não davam conta da presença do Luiz, que dilatava a vista, espantado, para perceber aquella complicada sessão exotica.

Approximou-se um pouco para observar melhor.

Nessa altura, o Lima interrogava a mesa:

— Se está presente, dê uma pancada; se não quer attender, dê duas pancadas.

Ouviu-se uma pancada sêcca; Luiz, sempre a equilibrar a bandeja com os copos e as garrafas, não perdia os detalhes da sessão.

Lima continuou o interrogatorio com voz soturna e baixa:

— Se quer responder, dê uma pancada.

Nova pancada sêcca.

— Se póde apparecer em nossa presença, dê duas pancadas.

A mesa não se moveu.

Lima insistiu:

— Vamos. Se pode apparecer em nossa presença, dê duas pancadas.

A mesa não se abalou.

Luiz estava visivelmente impressionado e ia dizer qualquer cousa, quando o Lima, com o furabôlos junto ao nariz, fez signal de silencio e attenção.

Passou-se um minuto. Lima voltou ao interrogatorio, desta vez com voz cavernosa:

— Vamos, responda. Quer apparecer? Dê uma pancada affirmativa.

Ouviu-se a pancadinha secca.

— Muito bem. E como quer apparecer? Se fôr por meio de signaes dê uma pancada; se fôr pessoalmente, em carne e osso, dê duas pancadas.

A mesa bateu duas vezes.

O grupo, bem ensaiado, deixou transparecer a funda impressão da scena. Luiz começava a suar frio, mal equilibrando a bandeja.

Lima, com a melhor voz cavernosa, ordenou:

— Nesse caso, apparece diante de nós, espirito do glorioso Napoleão Bonaparte!

Agenor sahiu do esconderijo, envolto no reposteiro rubro, brandindo a lança e fazendo brilhar o capacete medieval. Deu dous passos avante e perfilou-se.

Luiz diante da *apparição*, que a sua myopia mais exagerava, assustou-se deveras e deixou cahir a bandeja com todo o material, que ficou em cacos.

Descoberta a brincadeira, que despertou a familia assustada, o Luiz, perdoando o estrago que soffrera, declarou, peremptorio,

que nunca mais queria negocios de espiritismo, nem brincando.

E mandou para o porão a mesinha de pé de gallo, com muito pezar, porque era um traste colonial, vindo do tetravô, dos afastados tempos de dom João Sexto.

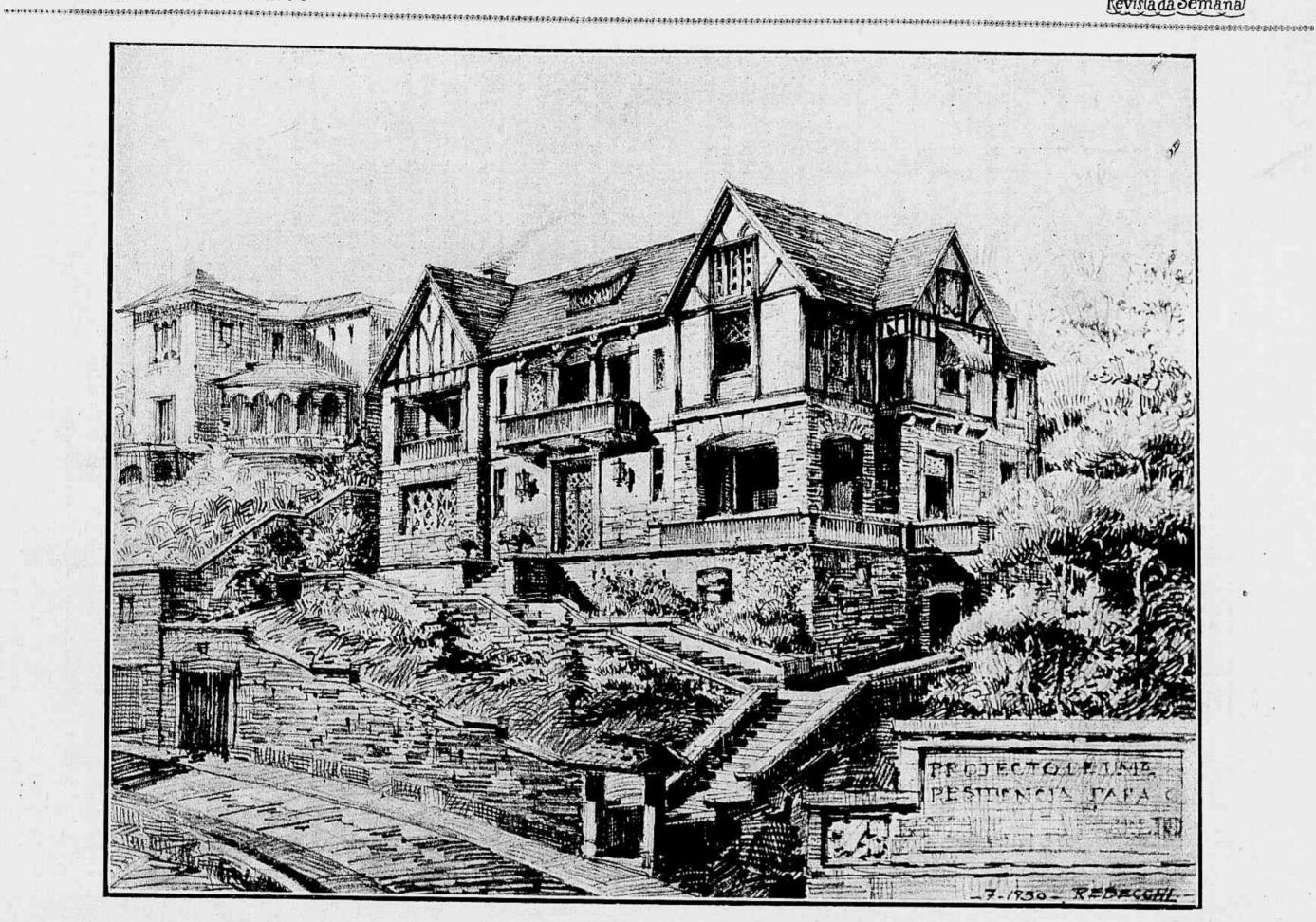
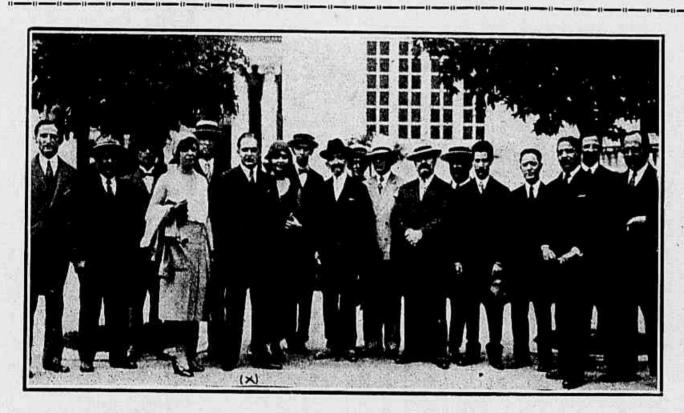
As pendulas do rei Jorge

Durante a estadia outomnal da Côrte de Inglaterra em Balmoral, passa-se revista a todas as pendulas dos palacios reaes brilhanicos. E não é serviço de pouca monta.

O rei Jorge possue uma collecção de pendulas unica no mundo e bem digna da celebridade de que gosa. Consta de mais de mil peças. Estas se acham, porém, o mais espalhadas possivel, para que os ouvidos dos soberanos e dos seus familiares não soffram o supplicio combinado de todos aquelles tic-tacs...

Só no castello de Windsor ha trezentas e sessenta pendulas.

Para limpar e regular todos essas joias de relojoaria, é necessario que duas duzias de homens trabalhem cerca de dois mezes. O serviço de se lhes dar corda, atrazal-as e adiantal-as nas épocas annuaes de mudança de hora tambem occupa muitos homens. No gabinete do chanceller, ha dois grandes livros que contêm a descripção e a photographia das pendulas de Windsor Castle, assim como indicam o logar em que cada uma se encontra.

A menor dessas pendulas é talvez a mais interessante de todas. Foi offerecida por Henrique VIII a Anna Bolena na manhã do seu casamento. Mais tarde, tornou-se essa minuscula obra prima propriedade de Horace Walpole e depois foi

PROJECTO E CONSTRUCÇÃO DE R. REBECCHI & CIA.
R. ALFANDEGA 108 - 2º AND. TEL. 3-5439

Aspecto da chegada a esta capital do pharmaceutico sr. Otto Serpa Granado (x), tomado no Caes Mauá, por occasião do seu regresso, pelo "Cap Arcona", após uma permanencia de anno e meio na Allemanha, onde visitou os principaes estabelecimentos de sua formidavel industria chimico-pharmaceutica. O sr. Otto Granado teve animada recepção, vendo-se no grupo acima — além de seu pae, o commendador sr. José Antonio Coxito Granado, chefe e fundador da grande casa Granado & C.ª e decano dos nossos droguistas—socios e auxiliares da referida firma, pessôas de sua exma. familia e varios amigos.

adquirida pela rainha Victoria.

A mais esquisita peça da collecção data do tempo de Luiz XV. Representa uma cabeça de negra. Num dos olhos vêem-se as horas e no outro os minutos.

Todas as pendulas do castello e dominio de Sandrigham andam adiantadas meia hora, em razão duma ordem de Eduardo VII que detestava todo e qualquer atrazo.

O fuzilamento da "Faisca de Nova Jersey"

Um regimento norte-americano, aquartelado numa cidade do Estado de Nova Jersey, possue uma mula branca que é famosa e á qual foi posto o nome de "Faisca de Nova Jersey". Pois esse quadrupede esteve, numa bella manhã de outubro ultimo, prestes a ser fuzilado.

Com effeito nessa fatal manhã foi recebida a ordem seguinte: "Conforme as instrucções do coronel, a mula branca deve ser fuzilada amanhã, ás 2 horas da tarde." No dia seguinte, foi a Faisca conduzida ao logar da execução — não sem custo, porque o animal, como se adivinhasse a sorte que lhe estava reservada, escoucinhava desesperadamente.

Como num film bem urdido, justamente quando os soldados, com o coração alanceado, iam executar a Faisca de Nova Jersey, appareceu o coronel e perguntou o que significava aquella tragi-comedia. Responderam-lhe que não faziam mais do que executar as suas ordens. Estupefacção do coronel. Tudo, porém, se explicou. Em vez da palavra shoe, *fôra escripta na ordem a palavra* shot. *E assim o animal ia ser fuzilado em vez de ser simplesmente ferrado!*

A lingua japoneza

Muita gente acredita que haja grande analogia entre a lingua chineza e a japoneza. Puro engano. E para melhor se dar idéa das differenças deve-se começar por distinguir a lingua escripta da fallada.

Lingua escripta. — *E' muito leve a analogia entre a lingua escripta japoneza e a chineza. As duas linguas assemelham-se mais pela forma, isto é pelos caracteres chinezes que foram introduzidos no Japão no seculo III da nossa era e de que os chinezes se apropriaram. Na estructura, porém, na constituição da propria lingua, são grandes, muito grandes as differenças.*

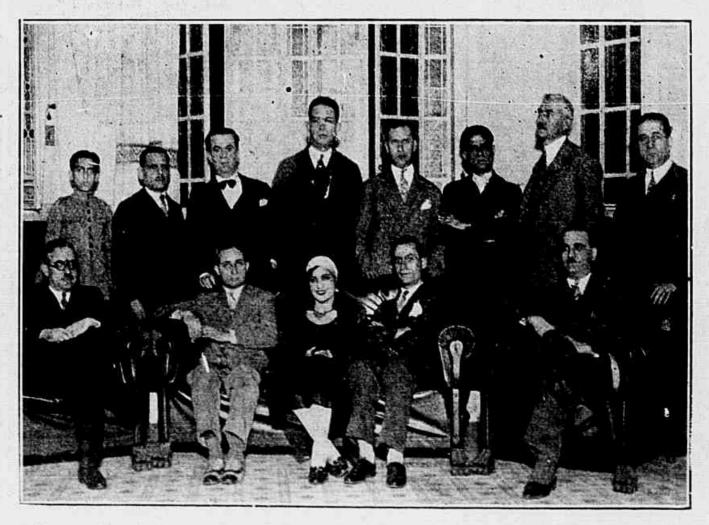
Em primeiro logar, a lingua chineza é uma lingua monosillabica, isto é composta unicamente de monosillabos, de raizes ou chaves invariaveis — ao passo que a japoneza é uma lingua aglutinante, polysillabica, isto é: egualmente composta de raizes que conservam o seu primitivo sentido, mas encerrando tambem outros elementos que se aglutinam por assim dizer a esses radicaes, para formar palavras novas.

Nesse sentido, é a lingua japoneza superior á chineza, porque a sua formação é mais scientifica e o seu vocabulario mais rico.

Para formar as suas palavras, dispõe a lingua chineza de duzentas e quatorze chaves que colloca de differentes maneiras: a lingua japoneza, pedindo aos caracteres ideographicos chinezes os seus quarenta e sete caracteres, fórma as suas palavras juntando a esses radicaes desinencias que marcam o estado e a acção, e assim servem á declinação dos nomes e á conjugação dos verbos. Dahi, a grande differença.

Lingua fallada. — *Ha pouquissima analogia entre as linguas falladas japoneza e chineza. Esta ultima offerece muito mais difficuldades, porque os monosillabos de que ella se compõe mudam de sentido, conforme o logar que occupam na phrase e o tom em que são pronunciados. Com effeito, na lingua fallada chineza distinguem-se cinco flexões da voz ou cinco tons principaes: aberto, mudo, ascendente, descendente, reintrante.*

Dahi, a grande difficuldade na dicção e para a comprehensão da lingua chineza; dahi tambem a feição musical que torna essa lingua uma lingua excessivamente contante e a distingue da lingua japoneza que, graças á sua constituição, muito mais scientifica, não precisa de recorrer aos cinco tons chinezes.

Se alguma analogia existe entre as duas linguas falladas, é simplesmente a de serem ambas harmoniosas.

Jantar offerecido pelos filhos de Tripoli (Syria) á actriz Jamile Matnuck, da Companhia Ramsés, do Egypto.

Cronica de Paris

Vestido para moça, de tulle verde claro incrustado de tafetá verde, do tom.

Paris, SETEMBRO

No mundo só ha tres grupos verdadeiros de industrias, se as classificamos segundo os fins a que se dedicam, o que é logico e justo: a industria da alimentação, a que satisfaz o nosso instincto da preguiça e, finalmente, a que obedece aos caprichos da moda. O resultado é que a humanidade anhela sómente tres coisas: comer, descansar (ou não se cansar, que vem a ser quasi o mesmo) e enfeitar-se. Mas, principalmente, a mulher é a que mais exagera essas tendencias, sobretudo as duas ultimas. E ainda, se pudesse escolher, talvez ficasse sómente com a ultima, isto é limitaria as suas restrictas aspirações a adornar-se e a vestir bem. E' assim como se pode explicar que dia a dia o toucado e o vestido duma mulher elegante sejam mais complicados e necessitem de mais especialistas.

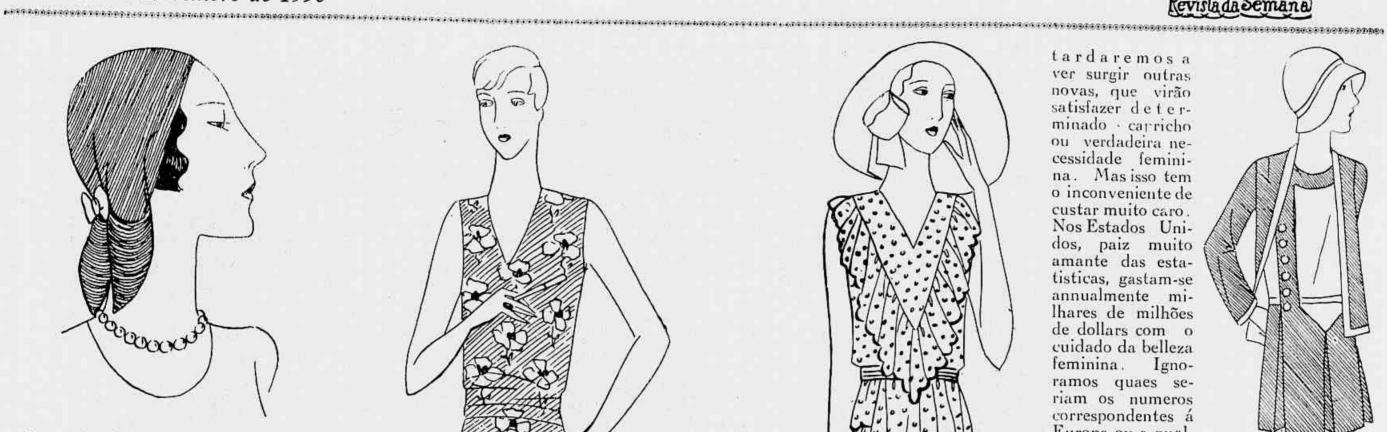
Noutros tempos, uma vez que o modisto, o sapateiro e a costureira faziam entrega das suas especialidades á mulher, esta não lhe fazia falta senão um pouco de roupa de interior, sem ser cuidada de mais nem refinada, meias, cabelleireiro, perfumista e luveiro; mas todas estas industrias accessorias eram em quantidade minima. Nos nossos dias, pelo contrario, as coisas complicaram-se enormemente. Em primeiro logar toda mulher elegante necessita dum numero de vestidos que teriam deixado entregues ao maior assombro as nossas avós. Para todas as horas do dia e para todas as occasiões se necessita ou pode levar-se, o que não é a mesma coisa, um trajo differente. Accrescente-se que esses trajos não se podem usar senão algumas vezes e complique-se com a série de jogos de roupa interior, requintada, que uma mulher distincta necessita para cada um dos trajos exteriores. As joias substituiram-se, em parte, pela quinquilharia, mas o que se perdeu em qualidade tem-se ganho em quantidade e em refinamento.

Meias e sapatos teem de se encontrar em abundancia, quanto ás côres e variedade das fôrmas, no guarda-roupa de uma elegante. As luvas tambem teem de se amoldar ás mil modalidades da existencia ociosa e rica. E, se falamos do cabelleireiro, nem é bom dizer os cuidados que a mulher dos nossos dias tem de prestar, seja qual fôr a sua edade. E falta ainda o especialista da belleza, sob cuja jurisdicção se encontram, não sómente a mulher de mediana edade que,

Conjuncto de crepe da China negro. Blusa branca estampada com flôres negras.

1 — Gorro de algodão perlado que cinge a cabeça como um capacete e ligeiramente drapé sobre a nuca. Echarpe condizente. 2 — Bolsa de crocodillo negro. 3 — Luvas de gamo negro bordado a ouro e *ajouré*. 4 — Sapato e bolsa para a tarde, de lamé de prata, enfeitados com um motivo de brilhantes. 5 — Collar de coral antigo e azeitonas de ouro.

Conjuncto cuja blusa-tunica é de crepe tabaco, guarnecida de viézes beige sobre saia marron.

Vestido de musselina branca. Corpete-bolero e saia fcita de quatro babados em fórma. ... guarnecidos de perolas.

Barrete de palha azul marinha cujo drapé é preso por um nó de *gros-grain* branco, á nuca.

inutilmente, quer recuperar a louçania dos seus annos da juventude, mas até as raparigas novas que, não contentes dos dons da Natureza, querem aperfeiçoa-los ainda mais. Todas as mulheres, seja qual fôr a sua edade e a sua belleza, querem, mais ou menos com acêrto, corrigir algum detalhe, ás vezes insignificante, mas que a ellas lhes parece de uma transcendencia extraordinaria.

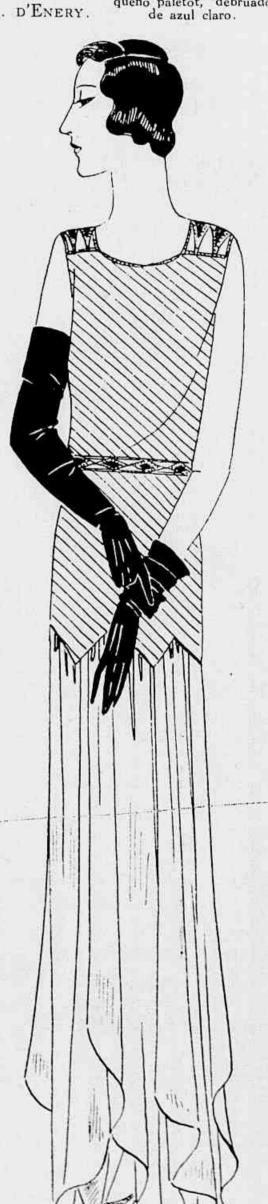
Verdadeiramente, o papel da mulhér na economia mundial é preponderante, e é por isso que se vê como uma mudança de moda chega a affectar a riqueza e o bem-estar duma nação. Uma quantidade enorme de industrias vive exclusivamente da mulhér, e, se continuamos assim, não tardaremos a ver surgir outras novas, que virão satisfazer determinado capricho ou verdadeira necessidade feminina. Mas isso tem o inconveniente de custar muito caro. Nos Estados Unidos, paiz muito amante das estatisticas, gastam-se annualmente milhares de milhões de dollars com o cuidado da belleza feminina. Ignoramos quaes seriam os numeros correspondentes á Europa ou a qualquer das suas principaes nações, porém não duvidamos de que, se se conhecessem, muitissimos homens levantariam as mãos á cabeça, com um gesto tragico, e pensariam tristemente nas diminutas exigencias que para seus paes e maridos teem, em compensação, as mulheres que habitam o coração da Africa.

A. D'ENERY.

Vestido de tafetá estampado.

Vestido de musselina branca com bolas vermelhas, guarnecido de babados vermelhos.

Conjuncto de toile de seda de dois tons de azul —azul claro para o corpo e azul mais carregado para a saia e para o pequeno paletot, debruado de azul claro.

Vestido de renda rosa e crepe georgette do mesmo tom.

Vestido de musselina de seda enxofre. Todo o alto é trabalhado de nervuras. Hombreiras e cinto de brilhantes.

A "Revista da Semana"

como nos annos anteriores associará os seus assignantes na

LOTERIA ESPANHOLA DO NATAL

A MAIOR LOTERIA DO MUNDO -- 90.000 CONTOS DE PREMIOS

A Loteria Espanhola, universalmente conhecida por Loteria de Madrid, conservará este anno as suas proporções, nunca egualadas em outros sorteios lotericos. A totalidade dos premios a distribuir é 85.758.400 pesetas, cifra espantosa que, ao cambio actual, representa mais de 90 MIL CONTOS DE REIS na nossa moeda.

ESSAS OITENTA E CINCO MILHÕES SETECENTAS E CINCOENTA E OITO MIL E QUATROCENTAS PESETAS SAO DISTRIBUIDAS EM PREMIOS ENTRE OS QUAES:

1 DE 15 MILHÕES DE PESETAS. . . .	15.750 CONTOS	1 DE 1 MILHÃO DE PESETAS. . . .	1.050 CONTOS
1 DE 10 MILHÕES DE PESETAS. . . .	10.500 CONTOS	1 DE 700.000 PESETAS.	735 CONTOS
1 DE 5 MILHÕES DE PESETAS . . .	5.250 CONTOS	1 DE 400.000 PESETAS.	420 CONTOS
1 DE 3 MILHÕES DE PESETAS. . . .	3.150 CONTOS	1 DE 300.000 PESETAS.	315 CONTOS
1 DE 2 MILHÕES DE PESETAS. . . .	2.100 CONTOS		

5 DE 150.000 PESETAS; 7 DE 100.000 PESETAS; 7 DE 80.000 PESETAS;
7 DE 60.000 PESETAS; 20 DE 50.000 PESETAS E 2.682 DE 10.000 PESETAS.

A' semelhança do que já fizera em onze annos anteriores, a REVISTA DA SEMANA mandou adquirir em Madrid dois bilhetes da maior Loteria do mundo, destinados aos seus assignantes, cujos premios liquidos serão distribuidos entre elles, respectivamente a cada uma das duas séries de 1.000 assignantes e na mesma proporção estabelecida nos annos transactos.

A DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS QUE PORVENTURA CAIBAM A ALGUM DOS NUMEROS ABAIXO MENCIONADOS SERÁ FEITA PELOS 1.000 ASSIGNANTES DA RESPECTIVA SÉRIE NAS SEGUINTES PROPORÇÕES:

50 °/o PARA A CENTENA; 10 °/o DIVIDIDOS PELAS 9 DEZENAS;

40 °/o DIVIDIDOS PELOS 990 ASSIGNANTES RESTANTES DA SÉRIE.

Exemplificando e acceitando a hypothese feliz de sahir premiado com o grande premio de 15 milhões de pesetas um dos bilhetes da REVISTA DA SEMANA, os assignantes receberão:

O assignante possuidor da centena.............	7.500.000	pesetas	(7.900 contos approximadamente)
Cada um dos assig. poss. das 9 dezenas........	166.666	pesetas	(175 contos approximadamente)
Cada um dos restantes 990 assignantes.........	6.060	pesetas	(6:400$000 approximadamente)

Compete aqui explicar ao leitor que os numeros das assignaturas não teem relação alguma com os numeros dos bilhetes que adquirimos. Nem de outro modo poderia ser, pois se a distribuição se fizesse pelos numeros premiados da Loteria da Espanha todos quereriam tomar assignatura com numero egual ao do respectivo bilhete. O que regula para a distribuição é o numero do 1.° premio da Loteria do Natal da Capital Federal. Assim o assignante ao adquirir o seu recibo ignora as probabilidades que lhe assistem na distribuição de algum premio que caiba ao bilhete de Espanha. Ha de sabel-as pela extracção da Loteria Federal, conforme o seu numero de assignatura corresponder á centena do premio maior, cahir dentro da respectiva dezena ou fóra d'ella, circumstancias segundo as as quaes terá os 50 °/o ou partilha nos 10 ou nos 40 °/o do premio, se as nossas esperanças se realizarem. Os numeros dos bilhetes servem apenas para a recepção do dinheiro, se a sorte fôr favoravel, nada mais.

Estão abertas na nossa administração as inscripções para as duas séries de 1.000 assignaturas numeradas de 001 a 1.000 com direito á participação no premio da Loteria de Madrid que couber ao bilhete da respectiva série.

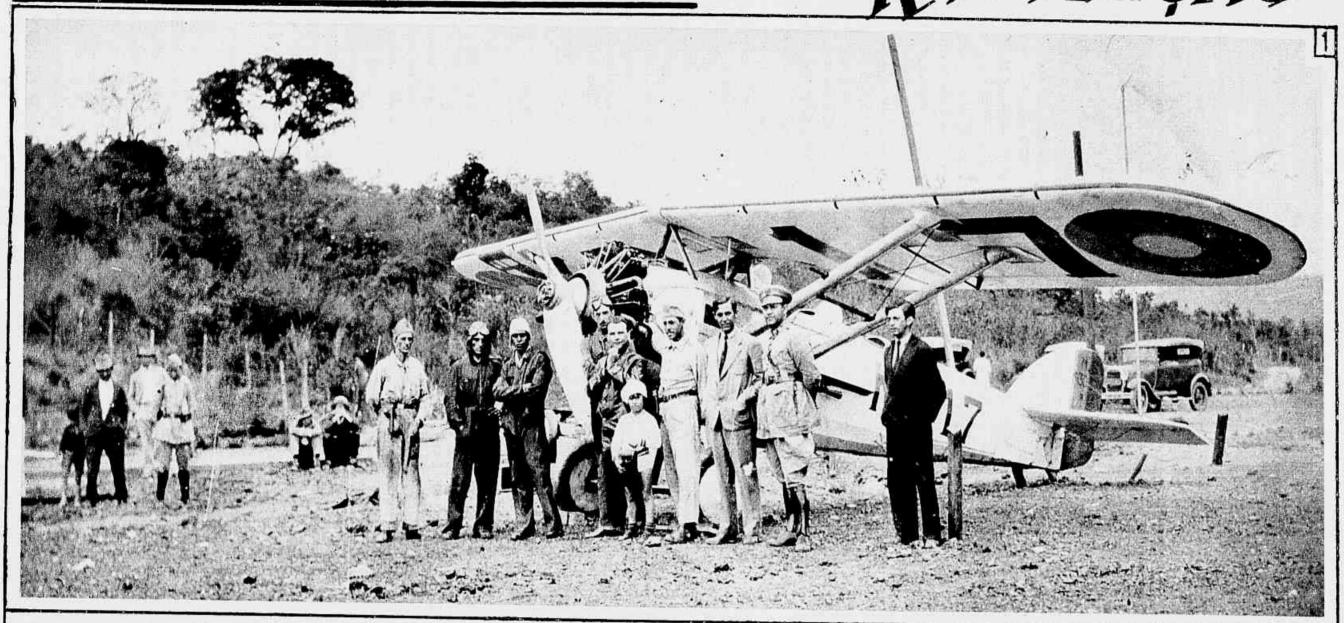
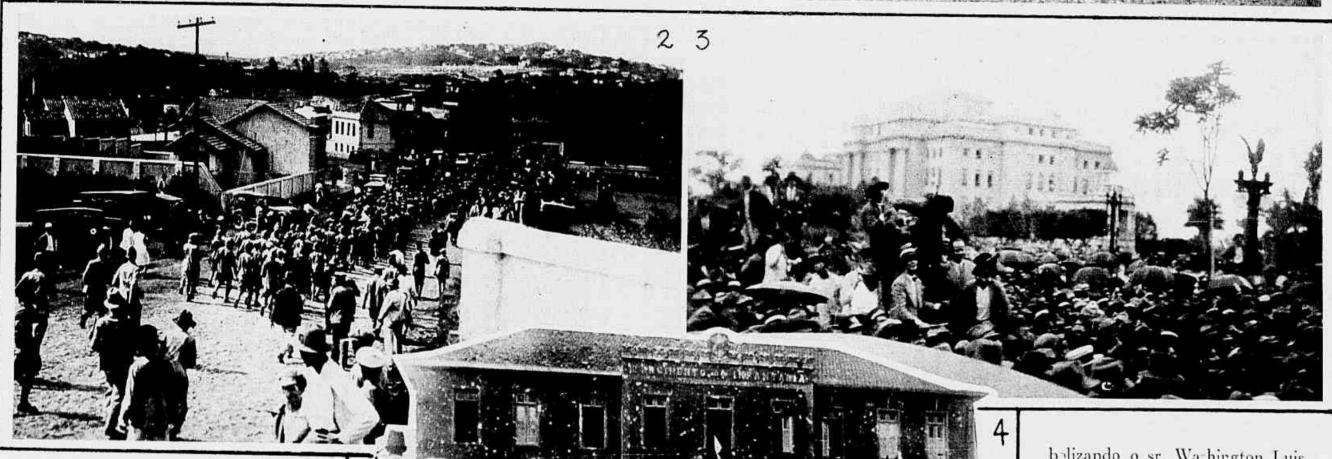
OS DOIS BILHETES INTEIROS ACHAM-SE DEPOSITADOS NO BANCO HISPANO-AMERICANO DE MADRID.

ASSIGNAR POIS A REVISTA DA SEMANA

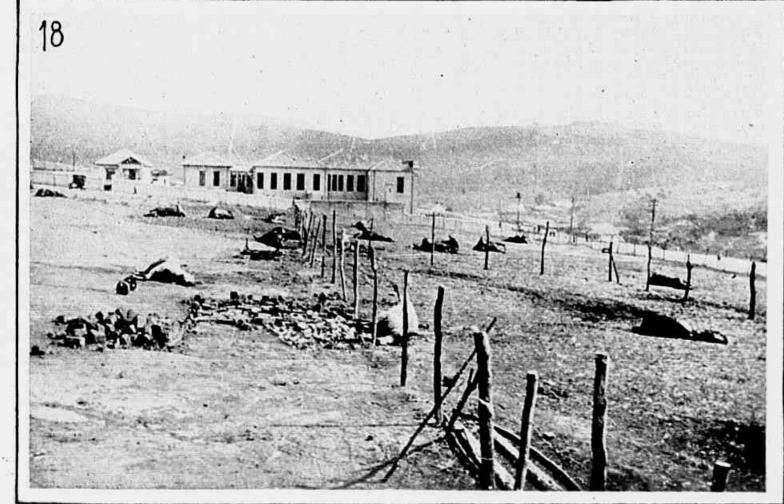
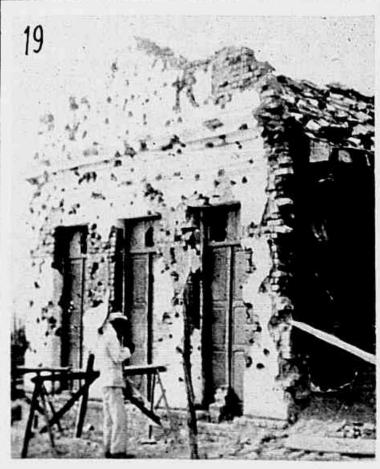
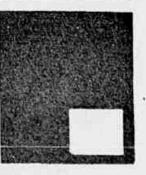
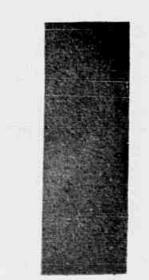
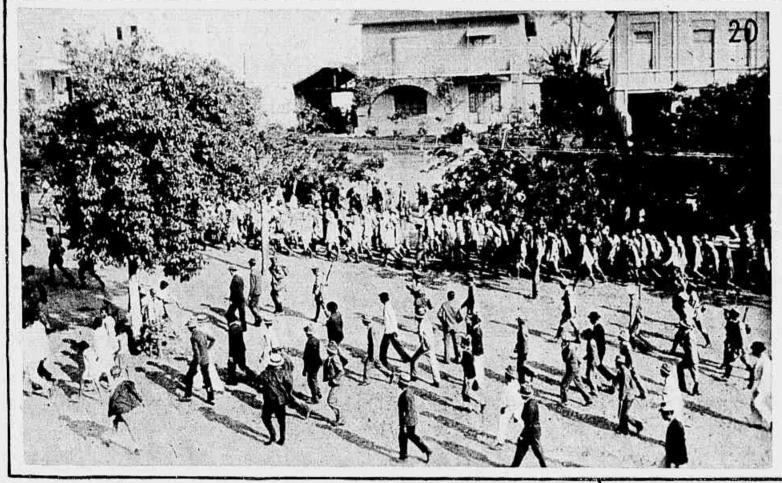
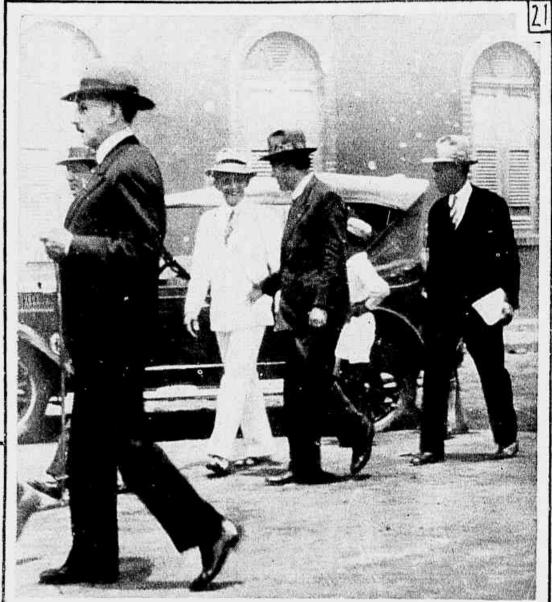
EQUIVALE A JOGAR NA MAIOR LOTERIA DO MUNDO HABILITANDO-SE A GANHAR CERCA DE 8.000 CONTOS.

Para que melhor se aprehenda a vantagem de uma assignatura da REVISTA DA SEMANA, bastará dizer-se que por 50$000 réis, preço de assignatura, fica-se habilitado aos milhares de contos de premios de uma loteria cujo bilhete custa actualmente quasi 3:000$000 réis.

Avisamos aos nossos assignantes que ha conveniencia em trazerem os recibos do anno anterior, quando vierem renovar as suas assignaturas.

BELLO HORIZONTE — AS PAGINAS SANGRENTAS DA REVOLUÇÃO

1 — O apparelho *Morane*, revolucionario, commandado pelo tenente Lemos. 2 — Prisioneiros do 12.º Regimento de Infantaria quando seguiam em direcção ao quartel do 5.º Batalhão, em Bello Horizonte. 3 — Boneco symbolizando o sr. Washington Luis, levado pela multidão pelas principaes ruas da capital de Minas. 4 — O quartel do 12.º R. Infantaria mostrando os effeitos da fuzilaria que soffreu e a bandeira branca que hasteou no pavilhão central, para a rendição. 5 — Soldados da policia mineira entrincheirados.

6 — Um dos aviões revolucionarios: o potente *Potez*,, do tenente Montenegro. 7 — Estado em que ficou um poste nas proximidades do 12.º Regimento de Infantaria. 8 — Parte das capsulas deflagradas que foram encontradas no 12.º Regimento. 9 — Caminho subterraneo aberto no quartel do Regimento. 10 — Trincheira nas proximidades do 12.º R. I. 11 — Grande trincheira diante do 12.º Regimento. 12 — Soldados entrincheirados.

13 — Estado em que ficou o quartel do 12.º R. Infantaria em Bello-Horizonte. 14 — Cemiterio improvisado no pateo do quartel do 12.º. 15 — As ultimas ordens, no momento em que era abandonado o quartel do 12.º R. I. 16 — Metralhadoras apprehendidas ao 12.º R. I. pela policia mineira. 17 — Estado em que ficaram as casas mais proximas do 12.º Regimento. 18 — Animaes do 12.º R. I. mortos durante o cerco. 19 — Casa perto do 12.º R. I. posta em ruina durante a lucta em Bello-Horizonte.

20 — Prisioneiros quando seguiam em direcção ao quartel do 5.º Batalhão. 21 — A visita official do sr. Arthur Bernardes ao 12.º Regimento de Infantaria. 22 — Palacio da Liberdade: populares atirando das janellas do palacio o retrato do sr. Washington Luis. 23 — Prisioneiros seguindo para o 5.º Batalhão. 24 — Soldados mortos do 12.º R. I. 25 — Visita ao quartel do 12.º R. I. logo após a rendição. 26 — Soldados e civis que tentaram fazer uma cisterna no fundo do quartel do 12.º R. I., para conseguir agua. 27 — Vista parcial do quartel do 12.º e uma das muitas trincheiras.

1 — Trincheira da columna major Serôa da Motta e capitão Maranhão, quando da investida contra as forças do Espirito Santo. 2 — A columna Serôa da Motta na estação da Leopoldina, em Nictheroy. 3 — A estação de Porciuncula onde foi installado o quartel-general dos revoltosos commandados pelo major Serôa da Motta. 4 — Vista de Porciuncula, por onde entraram as primeiras tropas mineiras após o exodo da população. 5 — Aspecto tomado no Theatro Municipal de Nictheroy, por occasião da sessão solemne em homenagem aos estados da Parahyba, Minas Geraes, Rio Grande do Sul, E. do Rio de Janeiro e ao chefe da Alliança Liberal.

O PARANA' NO CYCLO DA REDEMPÇÃO

1 — Tropas voluntarias, reservistas, atravessando as ruas de Curityba. 2 — A homenagem ao coronel João Alberto, no dia 19 de Outubro, em Curityba. 3 — Homenagem á memoria de Osman Medeiros no cemiterio de Curityba. Falando junto do tumulo do inditoso official, o maior Couto Pereira. 4 — Missa campal na Praça da Republica, na capital do Paraná, resada no dia 26 de Outubro, em acção de graças pela victoria da Revolução. 5 — Em frente do 15° B. Caçadores. A bandeira que foi offerecida ao Batalhão João Pessôa, em Curityba. 6 — A officialidade do Corpo de Bombeiros na occasião em que adheria á revolução. 7 — Homenagem no local onde foi assassinado em 21 de Outubro de 1929, em Curityba, por investigadores do Rio, o capitão Osman Medeiros.

8 — O presidente Getulio Vargas inaugurando o chimarrão "Getulio Vargas" em auxilio dos soldados. Vê-se no extremo á direita o sr. Simões Lopes. 9 — O "Batalhão João Pessôa" passando pelas ruas de Curityba. 10 — No dia 5 de Outubro, em frente do 15.º Batalhão de Caçadores. Os revoltosos preparando-se contra possiveis surpresas de aviões. 11 — Tropas gaúchas passando pela rua 15 de Novembro, em Curityba, em direcção á Capella da Ribeira. 12 — Marcha de tropas voluntarias para a Capella da Ribeira, pelas ruas de Curityba. 13 — Avião de reconhecimento ás forças na fronteira de Itararé; photographia tirada em Curityba. 14 — Enfermeiras que partiram para a zona de Itararé acompanhando as forças revoltosas.

PERNAMBUCO — O LEÃO DO NORTE NA REVOLUÇÃO

1 — O sr. Carlos de Lima Cavalcanti, grande revolucionario, e o coronel Muniz de Faria, commandante revolucionario da Policia de Pernambuco, que dirigiram o ataque ao quartel da Soledade, no Recife, com o tenente-coronel Mendes de Hollanda e outros. 2 — Uma casa do Recife, de onde os revoltosos combateram a policia estacista. 3 — Grupo de sargentos que sublevaram o Forte das Cinco Pontas. 4 — Soldados entrincheirados na capital pernambucana. 5 — O dr. Barreto de Menezes falando ao povo no dia que se presumia ser o da chegada do general Santa Cruz, dia memoravel para Pernambuco. 6 — O glorioso Tiro de Guerra 333, iniciador da revolução em Pernambuco e que deu as primeiras victimas á causa da Liberdade. 7 — O povo ouvindo do governador revolucionario a confirmação da deposição do sr. Washington Luis. 8 — A grande passeata pelas ruas do Recife em regosijo pela victoria da Revolução.

S. PAULO — O 24 de Outubro

1 — Aspecto do cruzamento da rua Direita com a rua Libero Badaró, quando o povo enfurecido destruía o "Club Portuguez". 2 — Aspecto da destruição do Frontão Brasileiro, entre a rua Formosa e o Parque Anhangabahú, antro de perdição patrocinado por maioraes do P. R. P. e altas autoridades do passado governo paulista. 3 — Populares ouvindo um discurso na Praça do Patriarcha, vendo-se a denominação "Praça João Pessôa" inscripta por populares no pedestal do lampadario central da praça. 4 — Aspecto, apanhado do Parque Anhangabaú, da destruição do Frontão Nacional, situado á rua Formosa, em frente do Frontão Brasileiro. 5 — O povo incendiando a Casa Amaral Cesar, na Avenida S. João, cujo proprietario era um dos directores da Radio Educadora Paulista, estação transmissora que esteve apaixonadamente a serviço do governo.

ALAGÔAS INTEGRADA NA REVOLUÇÃO

1 — A passagem das tropas revoltosas pela rua dr. Rocha Cavalcante, em Maceió. 2 — A multidão aguardando, na rua Dr. Rocha Cavalcante, a passagem das tropas. 3 — Os revolucionarios atravessando, com demonstrações de enthusiasmo, a Praça dos Palmares. 4 — O povo em frente do palacio do governo, no Dia da Victoria, ouvindo a palavra do ardoroso tribuno dr. Orlando Araujo, secretario do Interior. 5 — As tropas entrando na cidade, no dia 13 de Outubro, pela rua Barão de Anadia. 6 — As tropas em frente da Inspectoria da Guarda Civil. 7 — As tropas dirigindo-se ao quartel do 20.° Batalhão de Caçadores. 8 — Um caminhão de soldados pernambucanos na rua da Verdura.

O Rio Grande do Sul na jornada libertadora

1 — O 1.º Batalhão da Reserva da Brigada Militar antes de marchar para o *front*. 2 — Metralhadoras do 1.º Batalhão da Reserva. 3 — A senhora presidente Darcy Sarmanho Vargas — assignalada — despachando mantimentos ás familias dos soldados que seguiram para o *front*, no armazem A 11 do Cáes do Porto. 4 — O Batalhão Siqueira Campos antes de partir para o front. 5 — A confecção de ampolas no Laboratorio Dr. Pereira Filho. 6 — Senhoras e senhorinhas que trabalharam no Laboratorio Dr. Pereira Filho confeccionando medicamentos.

A manhã historica de 24 de Outubro

1 — O general Leite de Castro, actual ministro da Guerra, auxiliado pelo tenente Elio Campos Braga, iniciando o hasteamento da bandeira nacional, no forte de São Luiz, no dia 24 de Outubro. 2 — A bandeira nacional desfraldada no mastro do Forte na manhã historica. 3 — Uma peça de 75 millimetros no forte Floriano Peixoto. 4 — A guarnição do forte São Luiz em continencia á bandeira na manhã de 24 de Outubro. 5 — O forte São Luiz, de onde o general Leite de Castro chefiou a acção da artilharia de costa. 6 — O general Leite de Castro, então commandante do Districto de Artilharia de Costa, assistindo com a officialidade, do alto do forte São Luiz, ás salvas das fortalezas do Rio de Janeiro. O general Leite de Castro é o terceiro a contar da esquerda. 7 — O obuzeiro Krupp do forte São Luiz, de 288 millimetros, que fez o primeiro disparo na manhã de 24 de Outubro, intimando o sr. Washington Luis a renunciar. 8 — O forte Floriano Peixoto, em baixo, e os fortes do Pico e de São Luiz, ao alto. 9 — As fortalezas de Santa Cruz, S. João e Lage salvando na manhã de 24 de Outubro.
(Photographias inéditas, tomadas pelo capitão Theodoro Pacheco Ferreira, assistente do Sector de Léste, do Districto de Artilharia de Costa).

MINAS — A revolução em Cambuquira

Quatro aspectos do movimento de forças revolucionarias em Cambuquira, a poetica estação hydro-mineral do sul de Minas Geraes, que se collocou logo ao lado dos arautos da Revolução.

A Casa do Soldado

Dois aspectos da inauguração de "A Casa do Soldado", effectuada no pavimento terreo da Escola Nacional de Bellas Artes, vendo-se, ao alto, um grupo de jovens militares em frente ao portão lateral do edificio, e em baixo a assistencia quando se realizava a ceremonia inaugural. Essa util instituição fundou-se sob os auspicios da Associação Christã de Moços.

O PRESIDENTE GETULIO VARGAS PELA PRIMEIRA VEZ EM PUBLICO

1 — O sr. presidente Getulio Vargas assistindo ás corridas no Hippodromo Brasileiro. Pela primeira vez, após a sua investidura na chefia do Governo Provisorio, S. Ex. se apresentou em publico, tendo-lhe sido tributada uma extraordinaria manifestação. A' esquerda de S. Ex. vêem-se os srs. Oswaldo Aranha, ministro da Justiça; Adolpho Bergamini, prefeito do Districto Federal; Francisco Campos; Baptista Luzardo, chefe de Policia, e Demetrio Ribeiro. 2 — O cavallo *Ufano*, vencedor do pareo "Presidente da Republica". 3 — A chegada de S. Ex. ao Hyppodromo Nacional. 4 — A tribuna presidencial. No primeiro plano, ao centro, o sr. presidente Getulio Vargas, tendo á esquerda o almirante Isaias de Noronha, ministro da Marinha, e Oswaldo Aranha, ministro da Justiça, e á direita os srs. Demetrio Ribeiro — o unico sobrevivente do Governo Provisorio de 1889 — e Mello Franco, ministro do Exterior.

A Mulher Brasileira aos victoriosos de 24 de Outubro

Aspectos tirados no Theatro Lyrico, por occasião da linda Festa de Arte, manifestação patriotica da Mulher Brasileira em homenagem aos victoriosos de 24 de Outubro. Ao alto: grupo de senhoras e senhoritas que se encarregaram do formoso programma executado, vendo-se ao centro a senhorinha Prado Solange — a Mulher Soldado — com as muletas que foi obrigada a usar depois de ter sido ferida em combate em Bello Horizonte, e á sua direita e esquerda, respectivamente, a sra. Rachel Prado, que fez no acto uma saudação patriotica, e senhorinha Maria Luiza Beltrão, que fez a saudação das professoras. Ao alto, á direita: grupo de jovens do Batalhão da Redemptora, da Escola Orsina da Fonseca, guardando o retrato do saudoso João Pessôa. Ao lado, um aspecto parcial da platéa do theatro durante o festival.

Os novos ministros do Supremo Tribunal Militar

Dos lados, á esquerda e á direita, respectivamente, os drs. Mario Cardoso de Castro e João Paulo Barbosa Lima, novos ministros do Supremo Tribunal Militar, nomeados pela Junta Governativa, mercê da exoneração dos srs. Coriolano de Góes e Alfredo Sá, que haviam sido nomeados pelo sr. Washington Luís. No centro, ao alto, o sr. ministro Cardoso de Castro com assento no Tribunal, no dia da posse, tendo á direita o marechal Caetano de Faria, presidente, e o sr. Godofredo Cunha, presidente do Supremo Tribunal Federal. No centro, em baixo: o sr. ministro Barbosa Lima lendo o compromisso perante o Tribunal.

O SR. GETULIO VARGAS RECEBE OS NOVOS EMBAIXADOR DA ITALIA E MINISTRO DO EQUADOR

Os srs. embaixador da Italia e ministro do Equador foram os primeiros diplomatas estrangeiros que entregaram credenciaes ao sr. presidente Getulio Vargas. 1 — O chefe do Governo Provisorio no palacio presidencial ao lado do sr. Vittorino Cerrutti, novo embaixador da Italia. 2 — O sr. presidente Getulio Vargas no palacio do Cattete em companhia do sr. Luiz Robalino Dávila, novo ministro da Equador. 3 — S. exc.ª o sr. embaixador da Italia retirando-se do palacio do Cattete, após a entrega das credenciaes, com os secretarios da Embaixada e o sr. H. de Saules, chefe do Protocollo. 4 — O sr. Getulio Vargas recebendo o novo embaixador da Italia. A' direita do chefe do Estado, o sr. Embaixador, o general Andrade Neves, chefe da Casa Militar da Presidencia, e o dr. Gregorio da Fonseca, chefe da Casa Civil; á esquerda, os srs. Mello Franco, ministro do Exterior; J. M. Whitaker, ministro da Fazenda; almirante Isaías de Noronha, ministro da Marinha; general Leite de Castro, ministro da Guerra, e Oswaldo Aranha, ministro da Justiça.

OS BATALHÕES DOS ESTADOS E OS SEUS QUARTEIS NO RIO

1 — A cavalhada do 8.º Regimento de Cavallaria de Rosario no Derby Club. 2 — Forças da columna Barata, de Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco, no Monroe. 3 — Grupo de soldados do 8.º Regimento de Cavallaria de Rosario no Derby Club. 4 — Officiaes da columna Barata no Monroe. 5 — A soldadesca da columna Barata tratando da "boia" nos jardins do Monroe. 6 — O 4.º Regimento de Artilharia Montada no ring de box, á rua Riachuelo.

7 — O 8.º Batalhão de Caçadores de São Leopoldo, no galpão da Light, em São Christovam. 8 — A "boia" de tropas do norte no *stadium* do Vasco da Gama. 9 — A cozinha dos 7.º e 9.º Batalhões de Infantaria, de Pelotas e Santa Maria (Rio Grande do Sul) no stadium do Fluminense. 10 — O 7.º Batalhão de Caçadores chegando ao Quartel da Policia, na rua Evarito da Veiga. 11 — A "boia" do 8.º Regimento de Cavallaria de Rosario no Derby Club. 12 — O 4.º Batalhão de reserva de Porto Alegre, na Pecuaria.

A bandeira de PORTUGAL no ROTARY-CLUB

O Rotary-Club de Lisbôa — retribuindo a offerta da bandeira do Brasil, que lhe foi mandada pelo Rotary-Club do Rio de Janeiro e de que foi portador o professor Ferreira da Rosa, quando, no anno passado, foi á Europa — offereceu ao da nossa capital uma bandeira de Portugal. Foi portador o engenheiro dr. Antonio Branco Cabral. Ao alto, aspecto da mesa do Rotary-Club no dia da entrega da bandeira de Portugal. Ao lado: o sr. Luiz Pereira, presidente do Rotary-Club, tendo em mãos a bandeira offertada. A' sua direita, o sr. Duarte Leite, embaixador de Portugal, que fez a entrega da bandeira: o coronel Silveira e Castro, organizador da Feira de Amostras de Productos Portuguezes aqui realizada; o maestro Fernandes Fão e os drs. Valentim Augusto da Silva e Manoel de Antas Oliveira, 1.º e 2.º secretarios da Embaixada de Portugal; e á esquerda os srs. dr. Antonio Branco Cabral, portador da bandeira; prof. Ferreira da Rosa, consul dr. Xara Brasil e dr. José Augusto Prestes. O dr. Rodrigo Octavio Filho em bellissima oração agradeceu a offerta em nome do Rotary Club do Rio.

AVATAR

"Meu amigo, ás vezes uma fuga assim é deliciosa.

Libertar-se por oito dias de todas estas acorrentadoras occupações em que a gente gasta a vida sem vivel-a, por assim dizer, no sentido mais lato e consciente da palavra, deixar de ser a personagem quotidiana do dia a dia, exteriorizar-se em sorrisos de amabilidade, só se lembrar de ter espirito e trocar de toilette—acredite que, para os seres de vida interior demasiada, uma escapula destas equivale a uma injecção de sangue novo.

Retoma-se a cangalha com renovada força.

A penna fica outra vez leve entre os dedos, as ideias promptas no cerebro divertido.

Sómente, ha a preguiça... Conhecerá V. porventura, trabalhador infatigavel, esta cousa irresistivelmente tentadora.

Eu não só a conheço, mas confesso por ella a minha desabrida predilecção. Uma predilecção muito contrariada pelas circumstancias, mas que nem por isso deixa de ter raizes profundas e intrincadas. Fazendo rodar, numa tarde desoccupada, um docil mesinha de tres pés, tive a revelação inesperada de onde me veiu esta contemplativa indolencia interior que seria capaz de me prender horas a fio, a scismar, ao embalo modorrento de uma rêde... se não tivesse sempre tanta cousa a fazer!...

Quando V. imagina ver em mim esta pacata burgueza amatronada, que se diria unicamente preoccupada com o preço dos ovos e empenhada em concorrer o mais possivel para o decrescimento da natalidade nacional, V. não sabe, não póde mesmo saber, o ser prestigioso e romantico que estas fallaciosas apparencias dissimulam.

Fui um rajah, meu amigo. Fui essa incarnação radiosa da autoridade humana, a creatura recamada de pedrarias e illimitada no capricho de sua vontade que a palavra nos evoca. Fui um rajah de Gwalior, de uma dynastia ha millenios extincta, familia de poetas na qual ao brilho do poder se juntava o prestigio mais luminoso ainda da intelligencia.

Fui um rajah...

Tive terraços de marmore para passeiar a nostalgia de meus devaneios, elephantes brancos para o transporte vagaroso de meu sequito, legiões de escravos refrescando ao lento agitar de flabellos multicôres o somno displicente de minhas séstas.

Tive, na sombra redolente dos serralhos, mil braços de mulher amorosamente estendidos á saciedade de meu desejo.

Fui um rajah...

Assim pelo menos gravemente m'o communicou, nessa tarde de espiritas confidencias, um dos pés falantes daquella vulgar mesinha de saleta de entrada.

E como eu, deslumbrada por esta reluzente ascendencia oriental, indagasse duvidosa o porque desse principesco avatar, declarou-me o meu invisivel interlocutor que me conhecera intimamente no longinquo esplendor d'aquella incarnação de magia.

Fôra até meu amigo do peito e meu companheiro inseparavel nas estrepitosas aventuras dessa minha remotissima existencia.

E veja V., que tanto se faz de rogado para tão mal ser esporadicamente meu amigo, o esplendido amigo que eu soube ser para que assim, após seculos e seculos de separação, a saudade da minha companhia ainda trouxesse a um pé de mesa, buscando-me entre a diversidade dos seres reincarnados, o meu companheiro avido sempre de mim.

Fui um rajah e dahi por certo esta oriental tendencia á sonhadora preguiça do farniente. Unica remanescencia d'esse rajah de que a minha modestia nunca suspeitaria a romanesca hereditariedade, a preguiça sempre se me afigurou o mais deliciosos dos defeitos humanos. Diante da languidez atapetada de um divan, qualquer cousa de mortalmente fatigado sempre irresistivelmente me attrahiu. Era o rajah que, sem que eu soubesse, se espreguiçava no meu subconsciente.

Mas por que mysterioso designio dos fados, indagará V. assombrado, vim eu, de evolução em evolução, a passar dos palmeiraes sagrados de Gwalior á semsaboria de ser senhora da sociedade no prosaico asphalto desta metropole, por tantos prefeitos desastrosamente melhorada?...

Ah! o sadismo do destino... O pé da mesa teve a caridade de me informar que, para purgar o grande crime de minha vida, esse crime de amor que, muito antes de Paul Bourget, eu andei perpetrando á sombra dos indianos coqueiraes, os deuses malvadamente me transformaram em mulher.

Imagine V. para que, meu amigo!

Para que o exagero da minha sensibilidade mais doloroso me tornasse o convivio com os homens e suppliciante o traquejo da vida.

D'esse rajah de lenda, de paixão e de belleza, portanto, amigo, só me ficou a preguiça. Esta preguiça de sonhador impenitente ante a aspera premencia da realidade, esta preguiça de sensitiva que tem medo de abrir as folhas á brutalidade da luz excessiva, esta invencivel preguiça de preguiçosa a que o esforço invencivelmente repugna, pela sua inutilidade talvez... Pobre rajah de Gwalior, teria elle commettido esse crime sem perdão, se pudesse antever que isso o condemnaria a vir a ser, pelo tempo a fóra, a cousa absolutamente anti-preguiçosa que tem de ser uma chronista de jornal?...

São as perversidades da reincarnação, meu caro. E' de graças aos céus se, para castigal-o de não ter querido ser senão o sisudo homem de gabinete que eu vivo lastimando que V. seja, não vier a sorte a reincarnal-o num bailarino de *dancing*, mortificado com dois ou tres callos purificadores.

Sabe lá a gente as surpresas que a outra vida nos reserva!..."

Maria Eugenia Celso.

S. JOÃO D'EL-REY
A Revolução em Minas Geraes

1 — No dia 24 de Outubro: parte da enorme massa de povo que, cheia de enthusiasmo, percorreu as ruas da celebre cidade mineira logo que foi conhecida a deposição do sr. Washington Luis. 2 — O coronel Aristarcho Pessôa e sua officialidade quando, após as operações em S. João d'El-Rey, se aprestavam para seguir para Juiz de Fóra. 3 — Sobre a lendaria *Ponte da Cadeia:* uma parte da multidão que encheu as ruas da cidade, vibrando á noticia do triumpho grandioso da Revolução.

BAHIA — O MOMENTO REDEMPTOR

1 — Estado-maior do general Juarez Tavora. A' direita do grande vulto da Revolução vê-se o exm.º arcebispo primaz e o commandante Petit, da aviação revolucionaria do Norte, e á esquerda o coronel Juracy Magalhães, sub-commandante das forças em operações. No segundo plano, de *bonnet*, o capitão Bolinha, que matou a tiros, em luta leal, o general Lavenere Wanderley, commandante da 7.ª Região Militar, no sangrento levante da Parahyba, e a seu lado o bravo coronel Barata, um dos mais destacados commandantes das forças. Por trás do general Juarez, o tenente-coronel Affonso. Atrás do exm.º arcebispo, o tenente-coronel Paulo Cordeiro, antigo commandante do batalhão de Caçadores. 2 — Estado-maior do general Juarez Tavora, vendo-se no grupo o padre Arruda, capellão das forças revolucionarias; coronel Juracy Magalhães, tenente-coronel Affonso, 1.º tenente dr. Ruy Carneiro (jornalista) e capitão Bolinha. 3 — No palacio archiepiscopal. S. ex. o sr. arcebispo primaz ao lado do heroico general Juarez Tavora. 4 — A massa popular aguardando a sahida do general Juarez Tavora do palacio archiepiscopal. 5 — A secretaria da Policia hasteando bandeira branca, depois das praças e secretas haverem atirado contra o povo. 6 — Depois da entrada victoriosa no Estado da Bahia, as tropas passeiam em automoveis pelas ruas da capital. 7 — A expansão da alegria popular na Bahia, quando da victoria da Revolução. 8 — O prefeito dr. Leopoldo do Amaral ás portas da Prefeitura falando ao povo, após haver tomado posse do seu cargo. 9 — O general Ataliba Osorio, commandante da região, ao entrar no palacio Rio Branco para empossar-se no cargo de governador do Estado. 10 — O general Juarez Tavora entrando no quartel da Força Publica, com o coronel Juracy, para verificar o seu effectivo e disciplina.

O MOVIMENTO REVOLUCIONARIO EM AYMORÉS

AO GLORIOSO POVO MINEIRO

A's armas !!...

Chegou o momento em que o Brasil reclama o auxilio de todos os seus filhos para salval-o da derrocada fatal, para onde está sendo encaminhado pelos desmandos de um governo despota, que vem collocando os seus interesses pessoaes acima dos da nação.

A nós, mineiros de grandes tradições, cabe o dever de concorrer com todos os recursos de que dispomos para evitar a invasão do nosso Estado pelas fronteiras que nos estão confiadas.

Assim, convidamos a todos, sem discrepancia, para comparecerem, em Aymorés, devidamente acompanhados de suas carabinas e munições, hoje, á presença do Coronel Procopio, que dirije esta columna, para prestarem o seu auxilio armado á grandiosa e sublime causa dos Redemptores do Brasil.

O Estado do Espirito Santo está disposto a adherir á nossa causa, como já o fizeram os demais Estados do Norte e do Sul, esperando somente que os mineiros partam ao encontro dos valorosos alliancistas, que são todos os espiritosantenses, que amam a Patria.

ÁS ARMAS!...
VIVA O BRASIL!...
VIVA A REPUBLICA !...
VIVA MINAS GERAES !...
VIVA O ESPIRITO SANTO !...

Aymorés, 6 de Outubro de 1930.

Pelo Comitê Revolucionario de Aymorès

Dr Waldemar Pequeno – Chefe
Te.Cel. Procopio Duarte-Commandante das forças
Dr. Raymundo Moreira – Secretario

1 — O boletim espalhado pelo Comité Revolucionario de Aymorés (Minas Geraes). 2 — Um pelotão de forças mineiras tendo á frente o dr. Raymundo Moreira. 3 — A distribuição do lenço vermelho — distinctivo dos revolucionarios — antes da partida para a luta. 4 — O dr. Raymundo Moreira, depois da victoria, em companhia dos tres bravos que atacaram pelo lado de léste, sózinhos, as tropas fieis ao governo. Chapa feita no campo de combate, logo que este terminou. Ao alto destas linhas—sem numero indicativo — Grupo de soldados antes da partida para a luta. 5 — O enterro do capitão Agerson Dantas, morto em combate. Vê-se segurando na primeira alça esquerda do caixão o dr. Raymundo Moreira.

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

TOILETTES PARA CASAMENTO

O vestido de casamento é pessoal e convencional ao mesmo tempo.

Segue a moda de perto, mas nada impede que peça ao passado alguma formula classica. Isso quer dizer que os vestidos de estylo serão quasi sempre os preferidos.

Mas ha uma coisa que não muda para os vestidos de casamento: é a simplicidade nas linhas, nas guarnições e no decote. Em todos os casos, este será moderadamente aberto e será sempre acompanhado por mangas compridas que dão distincção ao conjuncto. A cauda é actualmente muito importante; mesmo majestosa, localizará a roda da saia.

As flôres—lyrios, copos de leite, orchideas, rosas brancas — são habilmente dispostas em graciosos apanhados ou em bouquets redondos que a noiva mantém sobre o braço esquerdo ou segura na mão. Essa moda de braçadas de flôres carregadas pelas demoiselles d'honneur e pela noiva veiu da Inglaterra. Em geral as flôres das primeiras são flôres com coloridos muito suaves, levemente rosadas, azul claro ou amarello tambem muito delicado, conforme o tom da toilette das jovens.

Está sendo muito empregado agora, quando a noiva convida um grande numero de demoiselles d'honneur, escolher dois tons para as suas toilettes ou então o mesmo tom em diversos matizes, por exemplo indo do rosa muito pallido ao rosa commum, mas nunca deve ser empregado o tom vivo.

Os vestidos de noiva de velludo e de pelucia têm muita distincção. Emprega-se indifferentemente o velludo chiffon, flexivel como indica seu nome, ou o velludo mais espesso. O primeiro é destinado aos vestidos modernos, o outro aos vestidos de estylo. Os setins, charmeuses e crêpes romain, de Chine, marocain e Georgette são tambem muito empregados para essas toilettes.

Dá a nota de elegancia á toilette da noiva o arranjo do véu e sua guarnição. A rêde de perolas, a touca de renda, o turbante, o diadema ou a singela grinalda de flôres de laranja mantem o longo véu de tulle ou de renda que deve acompanhar a cauda do vestido. De novo vê-se o véu cobrir o rosto das noivas, o que ainda vem dar mais suavidade a essa toilette encantadora.

TOILETTES PARA A NOITE

1 — Toilette de gaze *lamée* de prata, saia longa de ampla roda. 2 — Vestido de crepe romain coral, com capa-fichú; as pregas da saia terminam no corpo. 3 — Toilette de renda de prata, com bolero e tunica. 4 — Manteau de velludo preto, guarnecido com pelle de raposa. 5 — Vestido de setim branco, saia com panneaux *en-forme;* grande decote nas costas 6 — Manteau de velludo *bordeaux*, guarnecido com pelles pretas.

Conselhos sociaes

AS COLLECÇÕES DE SELLOS

De tempos em tempos lê-se nos jornaes que a venda d'uma collecção de sellos produziu sommas fabulosas; parece, com effeito, que alguns sellos chegam a valer sommas colossaes e que os amadores os consideram como verdadeiros thesouros.

E' provavel que esses preços assim elevados sejam sobretudo resultado da especulação. Considera-se actualmente como esplendido emprego de capital fazer uma collecção de sellos. Mas ainda tem outra utilidade: fazer conhecer a geographia.

Deve se aconselhar e ajudar as creanças a fazerem collecções de sellos. Naturalmente, não se trata de comprar sellos raros. Mas, obtendo-se no momento da emissão sellos editados por diversos paizes por um preço razoavel, pode se vêr, passados alguns annos, esses sellos augmentarem de valor em proporções extraordinarias.

Seria, portanto, para as creanças uma maneira como qualquer outra de collocar suas pequenas economias. Alem dessa maneira de ver lucrativa, o interesse educativo das collecções de sellos é evidente.

As creanças que se dedicam a essa calma distracção pouco a pouco tomam gosto, são obrigadas a preoccupar-se com a situação, no mundo, dos paizes que emittiram os sellos, com as suas colonias, com as datas em que se deram certos factos importantes da sua historia. E' essa uma maneira suave e agradavel de aprender não sómente a geographia como a historia. E o que se aprende assim brincando, na sua infancia, fica muito mais gravado na memoria do que aquillo que aprenderam nas horas de aula.

Só essas vantagens deviam bastar para que os paes animassem nos filhos o gosto para formarem as collecções de sellos.

Cada um de nós é artista da propria velhice.

R. KEHL.

Preceitos de hygiene

A INSUFFICIENCIA VENOSA

Todo o systema venoso é composto d'uma rêde de vasos cujas paredes apresentam fibras musculares: quer dizer que esta parede é flexivel e pode contrahir-se. Dentro de cada veia, observa-se de distancia em distancia pequenas bolsas: são valvulas destinadas a impedir a volta do sangue para trás. Não se deve esquecer que as veias estão longe do impulso inicial do coração: o sangue já percorreu toda a rêde arterial; vae agora caminhar na parte maior do corpo contra a acção do peso e tem necessidade de ser ajudado nessa circulação de volta.

Pois bem, quando n'uma pessôa as fibras musculares do systema venoso não têm mais sua tenacidade normal, quando estão enfraquecidas, diz-se que ha insufficiencia venosa. Tal é a causa das varizes, das hemorrhoidas e de certas congestões passivas dos orgãos.

Durante muito tempo, acreditou-se que as varizes fossem o resultado d'um constrangimento mecanico; é por esta razão por exemplo que se explicava o estado varicoso das pessôas que têm uma profissão immovel de pé. Dever-se-ia pensar logo que a causa devia ser outra; porque assim todas as pessôas que ficam de pé muitas horas deveriam fatalmente soffrer de varizes, e isso não se dá.

Com effeito, a causa é outra. Ha uma causa profunda e essencial, a insufficiencia venosa, a decadencia muscular das paredes das veias.

De onde provém essa doença das veias?

Puzeram, naturalmente, em primeiro lugar a hereditariedade. Sem duvida, mas não está nisso a grande causa. E' na auto-intoxicação de origem alimentar que é preciso ir buscar o ponto de partida da lesão varicosa.

Com effeito, todos os que soffrem de varizes são mais ou menos intoxicados, geralmente arthriticos cujo figado é inferior á sua tarefa, os sedentarios que não eliminam, aquelles que não mastigam e engolem rapidamente as suas refeições; os constipados, sempre sob a acção d'uma infecção intestinal, etc.

Portanto, o melhor tratamento preventivo das varizes, em particular, e da insufficiencia venosa, em geral, é evitar a auto-intoxicação alimentar.

Quanto ao tratamento curativo, poucos resultados são obtidos. A decadencia venosa é definitiva: o que foi perdido não se adquire mais. No emtanto, deve-se reconhecer os beneficios de certas curas thermaes. Em França, Bagnoles-de l'Orne é uma das estações de mais fama para as doenças venosas. A Allemanha e a Austria têm tambem estações thermaes para esse tratamento.

VESTIDOS SINGELOS

1 e 2 — Ensemble de shantung branco e com pintas azul marinha. O manteau é de shantung branco guarnecido com tecido de fantasia. A parte de cima do vestido de shantung branco e a saia que termina com um babado en-forme é feita com tecido de pintas azues. 3 — Manteau sem mangas de shantung verde todo formado por tiras da mesma largura; vestido de shantung verde muito claro, abotoado na frente e com camiseta de organdi pregueado. 4 — Vestido de toile de seda branca e toile de seda listada branco e vermelho. A saia formada por panneaux en-forme.

AS QUATRO IDADES DA CREANÇA

O organismo da creança, desde seu nascimento até chegar á adolescencia, dá uma série de combates para a conquista da vida.

O inimigo são as doenças. Cada idade corresponde a uma nova formação das offensivas que soffre. Por essa razão foi dividida a pathologia infantil em quatro idades differentes.

Primeiro a idade *digestiva*. Corresponde aos seis ou oito primeiros mezes da vida. A creança não tem então senão necessidades alimentares e as doenças perigosas localizam-se sobre esta parte do seu organismo.

A esta idade segue-se a idade *ossea*, dos oito mezes aos dois annos. E' o periodo em que o esqueleto toma seu primeiro impulso, periodo que corresponde ás manifestações do rachitismo.

Em seguida vem a idade *infecciosa*, de dois aos onze annos pouco mais ou menos. A creança age cada vez mais por si mesmo e augmenta os perigos de contaminação. Apparecem então as doenças microbianas — sarampo, escarlatina, broncho-pneumonia etc.

Depois vem a idade *endocriniana*, ou da formação. Ninguem ignora actualmente que se chamam glandulas endocrinas as glandulas internas que, como as glandulas dos rins ou a glandula thyroide, não citando senão duas, teem um papel importantissimo na evolução dos tecidos e no desenvolvimento physico. A menor insufficiencia ou exagero na secreção dessas glandulas traduz-se por perturbações vitaes, por malformações, por decadencias physiologicas.

Na realidade, esta divisão das quatro idades pathologicas da creança é mais figurada que real, porque praticamente esses periodos pathologicos acavallam-se uns sobre os outros. A idade digestiva não é tambem a idade infecciosa, e não é ao micro-bio que a creança deve essas gastro-enterites que fazem tantas victimas? O mesmo se dá na idade en-

MODA INFANTIL

1 — Vestidinho de linho vermelho com barra e pala de linho branco. 2 — Capinha para a praia de lã sable e lã vermelha. 3 — Manteau de lã branca com golla e bolsos de lã azul marinha. 4 — Casaco para menino, de lã vermelho escuro com botões dourados. 5 — Tailleur de linho rosa, a saia com pregas duplas toda em volta e bretelles abotoadas, blusa de linon branco. O casaco guarnecido com tiras pespontadas e bolsos applicados.

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de crepe da China de fantasia. Os panneaux da saia são recortados em festão. Com os mesmos festões termina a romeira que guarnece o corpo. 2 — Toilette de crepe marocain azul marinha, com godets applicados e grande golla de renda levemente ocrée. 3 — Ensemble de crepe da China de fantasia, fundo branco com desenhos vermelhos, casaco de crepe da China vermelho. Um bolero do tecido da saia é collocado sobre uma blusa de crepe georgette branco, toda plissada. 4 — Vestido de crepe da China azul lavande, guarnecido com babadinhos plissados de crepe georgette do mesmo tom.

doctriniana: não é ella de toda a vida? Não começa no nascimento?

No emtanto, esta classificação arbitrária offerece a vantagem de lembrar-nos quaes são, no organismo da creança, os sectores mais ameaçados em cada idade.

Origem curiosa de palavras e expressões

"Cahir de Carybdes em Scylla".

Esta expressão tem a apparencia de muito antiga, quando na realidade foi sómente no seculo XIII que um poeta, aliás muito pouco conhecido, Gautier de Chantillon, a escreveu n'um poema em dez cantos, intitulado Alexandride.

Carybdes era uma filha de Neptuno e da Terra que, fulminada por Jupiter, foi precipitada no mar onde, tendo produzido um abysmo, puxava para elle todos os navegantes que se approximavam.

Deram este nome de Carybdes a um ponto do estreito de Messina (Calofaro). Quando os navegantes queriam evitar este ponto extremamente perigoso, iam muitas vezes despedaçar-se contra os rochedos de Scylla (La Rema) que ficam do lado opposto. E' esta a explicação de "Cahir de Carybdes em Scylla": querendo evitar um grande perigo vae-se jogar n'um outro peior ainda.

"Não ha peior agua que a agua que dorme".

Esta expressão tão usada, que subentende que nada é tão perigoso como um ente adocicado, calmo, sonso, vem de que são os rios mais profundos que parecem mais calmos na superficie e que, quanto mais um rio é profundo, mais receio se deve ter de afogar-se, cahindo nelle.

O celebre fabulista La Fontaine poz isso em evidencia na sua fabula XXIII do Livro VIII: "A Torrente e o Rio".

Esta expressão já estava em uso em Roma no tempo do Imperio.

Encontrou-se, nos Disticos de Catão, compostos no seculo VII ou VIII, por um frade cujo nome não foi mencionado, neste distico: "Demissos animo et tacitos vitare memento: Quod flumen tacitum est forsan latet alcins unda".

(Evitem as pessoas sonsas e taciturnas: mais um rio é silencioso, mais a agua é profunda).

Vestido de crepe romain azul escuro, guarnecido com crepe georgette branco.

Pensamentos

O progresso é o desenvolvimento gradual do poder do homem sobre a materia; é, sobretudo, o desenvolvimento de sua moralidade.

Não é apenas dando nascimento a filhos, mas criando-os, que as mães se tornam verdadeiras mães.

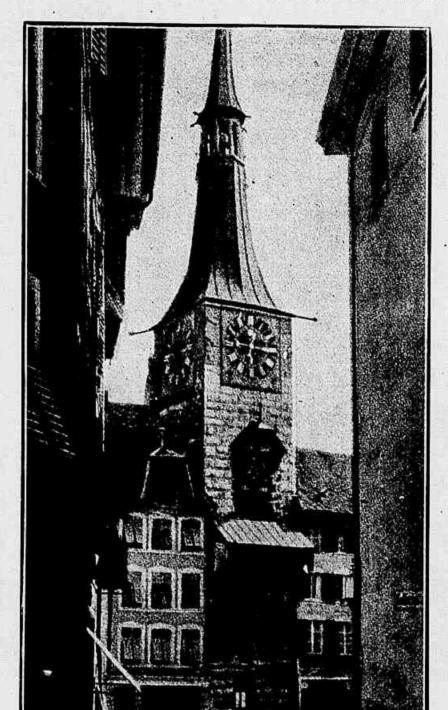
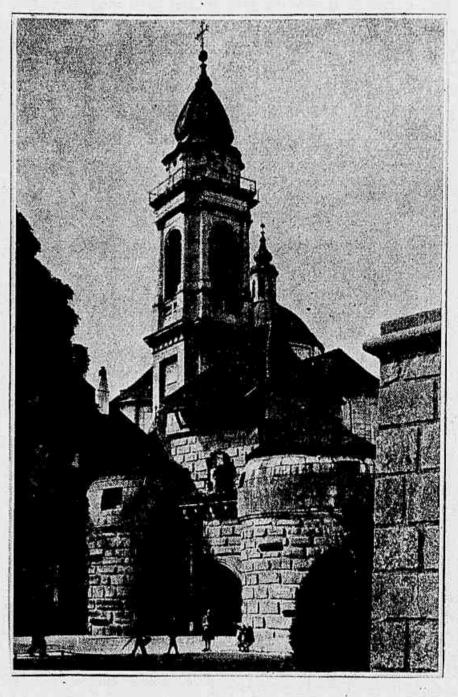
Triumpha-se hoje mais facilmente dos maus habitos do que amanhã.

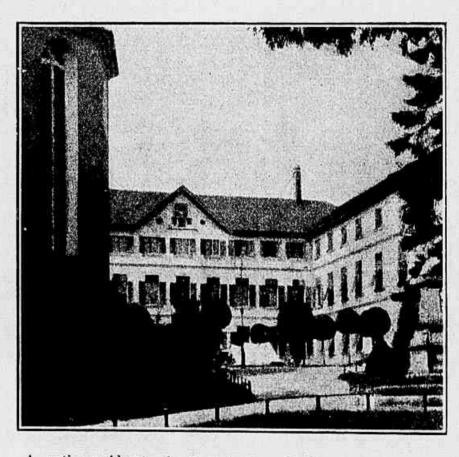
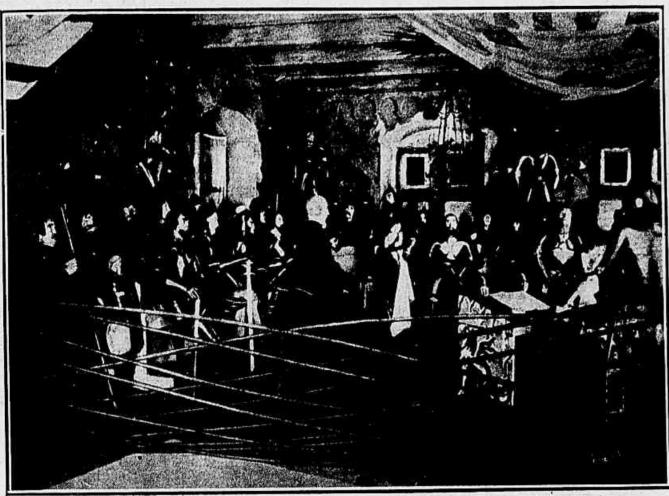
A cidade dos Embaixadores

A fonte de Saint Ours na rua principal de Soleure.

A porta de Bale e a torre da cathedral de S. Ours.

Muitos dos hoteis de mais fama assim como numerosos hoteis mais modestos da Suissa têm na sua taboleta a Corôa. E' curiosa a frequencia desse emblema real na mais antiga das republicas do velho continente. Talvez a necessidade de lisonjear a clientela extrangeira seja bem anterior ao que se chama actualmente o turismo e que parecesse tão natural aos antigos hoteleiros suspenderem em cima das suas portas uma corôa dourada num braço de ferro trabalhado como pareça normal aos seus descendentes fazer pintar na fachada dos seus hoteis o nome da rainha Victoria. Em Soleure, em todo caso, a Corôa não deve sentir-se muito deslocada pois que, durante perto de tres seculos, essa pequena cidade helvetica foi associada de muito perto aos faustos do reino de França. Os embaixadores dos soberanos christianissimos, desde Francisco I a Luiz XVI, davam facilmente o tom a essa minuscula capital de tres ou quatro milhares de habitantes, bem resguardada atrás das suas muralhas de portas massiças. "A estadia que alli fiz, conta um gentilhomem em 1739, fez-me considerar Soleure como uma praça forte da qual o embaixador francez seria o governador". E ahi pelo fim do mesmo seculo, o viajante J. B. de La Borde dizia de Soleure nas suas *Cartas sobre a Suissa:* "A cidade é muito interessante e a melhor construida da Suissa depois de Berna. O embaixador de França alli reside e a vida que al i tem é pouco mais ou menos a de qualquer cidade franceza. Falla-se mais a lingua franceza que a do paiz".

Entradas solemnes, com cortejos e cavalgatas, recepções dos representantes da Assembléa helvetica, grandes ceremonias, como o renovamento das allianças entre os cantões suissos e a corôa de França, festejos por occasião de todos os acontecimentos interessando a côrte do grande reino vizinho; victorias, nascimentos na familia real, subidas para o throno traziam sempre em reboliço os seus moradores. Os embaixadores, que eram sempre grandes personagens, muitos tendo occupado antes de ir para a Suissa alguns dos postos diplomaticos mais importantes da Europa, os de Constantinopla, de Veneza ou de Lisbôa, levavam uma vida muito animada na sua residencia, um antigo convento transformado em embaixada, vasto edificio onde viviam no meio de numeroso pessoal domestico e rodeiados d'um pequeno exercito de secretarios. Alguns eram amigos das lettras. O marquez de Puysieulx, velho condecorado das guerras de Luiz XIV, que foi embaixador em Soleure no fim do reinado do rei-sol, era muito ligado com Vauban, a quem escrevia frequentemente sua opinião sobre os negocios da Suissa e deu preciosos conselhos aos Soleurianos para a construc-

A ponte vermelha (Roethibrucke) e a cathedral de S. Ours.

A torre do relogio.

A antiga residencia dos Embaixadores de França, actualmente uma escola publica.

Nicolas de Flue diante da Assembléa de Stans em 1481.
Essa assembléa guerreira fez no emtanto obra de paz e permanece ainda no magnifico arsenal de Soleure, com as suas imponentes personagens todas de cera.

O palacio dos embaixadores, transformado em quartel, depois em escola publica, perdeu completamente seu caracter architectural. Para encontrar alguma influencia dos dois ultimos seculos da antiga monarchia franceza, é preciso sahir fóra da cidade e passeiar entre as casas de campo dos seus arredores. Aquellas bellas residencias com suas fachadas com pilastras, escadas com balaustradas e seus bellos jardins, guarnecidos com buxos, gramados e repuxo no genero dos de Versailles, eram as residencias dos diplomatas e de algumas familias ricas. Não penetrou aliás a influencia franceza além d'umas trinta familias que compunham a elite da sociedade citadina naquella época.

A cidade conservou um caracter allemão muito pronunciado, o que constitue o seu maior attractivo. As suas fontes com estatuas de guerreiros, seu velho Rathaus, suas casas com balcões, seu antigo arsenal com telhado em escada, os relogios de mostrador polychromos que marcam a hora nas velhas torres, as ruas calçadas, marginadas por casas com janellas floridas, têm um aspecto jovial e familiar. Sómente, a monumental cathedral de S. Ours, construida de 1762 a 1773 pelo Tessinez Matteo Pisoni, põe nessa symphonia de pedra uma nota de exotismo: deante daquella larga escada com balaustradas e estatuas com amplas tunicas, sua fachada branca com nobres linhas classicas, acredita-se estar n'uma praça romana antes que n'uma pequena cidade do planalto suisso.

Essa nota de italianismo, misturada nessa cidade suissa allemã com as recordações deixadas por uma grande civilização vinda do oeste, não póde deixar de agradar a todos aquelles que apreciam as diversidades, tão encantadoras como necessarias.

ção dos seus fortes. A irmã do diplomata, Mme. de Thibergeau, presidia ás festas da embaixada. Sobrinha de La Rochefoucauld, o celebre autor das *Maximas*, tinha relações com La Fontaine assim como com a maior parte dos homens de valor da época. Soleure não lhe podia fazer esquecer Paris e Versailles. "Por mais que faças nunca conseguirás que ella deixe ser uma parisiense", escrevia Vauban ao seu amigo. Tinha retido em Soleure um filho de familia, Philippe Néricault-Destouches, que corria as estradas com um grupo de comediantes. Foi o organizador das comedias representadas na Embaixada. E' assim que Soleure ficou ligada desde o principio da sua carreira com um dos autores dramaticos de mais fama do seculo XVIII, o autor do *Malvado* (Méchant).

Um dos successores de Puysieulx, o conde de Luc, acolheu um dos poetas mais illustres da época, Jean-Baptiste Rousseau, que tinha sido obrigado a deixar a França. A sua *Ode ao conde de Luc* figura ainda nas anthologias. Conserva-se ainda delle algumas elegias, onde as paisagens soleurezas são exaltadas no gosto mythologico da época.

Alguns annos mais tarde, um outro Rousseau, este Jean-Jacques mas que ainda não se tinha tornado celebre, chegou em Soleure mal vestido, pobre e desconhecido. Nas estradas da Suissa, tinha encontrado, n'uma taverna de Boudry, um aventureiro, "homem de grande barba, com uma batina roxa á grega", que se dava como archimandrita e explorava os fieis sob pretexto de esmolar para o restabelecimento do Santo Sepulcro em Jerusalem.

Em Soleure, os dois companheiros acharam uma bôa ideia ir cumprimentar o embaixador de França para ver se conseguiam algum dinheiro.

Infelizmente, esse embaixador era o marquez de Bonnac, que tinha representado durante muitos annos seu rei junto do sultão e estava bem ao facto de tudo que dizia respeito ao Santo Sepulcro. O falso archimandrita foi posto á sombra, emquanto que o joven Jean Jacques, tendo contado suas desgraças ao marquez, foi acolhido na embaixada. Teria podido fazer alli carreira se não fosse a instabilidade do seu genio. No fim de algumas semanas, encontrou meio de ser mandado para Paris. Deram-lhe algumas cartas de recommendação e cem francos acompanhados de muitos bons conselhos.

O quadro mais interessante da vida dessa cidade no tempo dos embaixadores foi certamente o descripto pelo celebre aventureiro veneziano Casanova de Seingalt que alli esteve em 1760, no tempo que era embaixador de Luiz XV o cavalleiro de Chavigny.

Essa descripção forma um dos capitulos mais interessantes das suas celebres *Memorias*.

Quando se percorre actualmente as ruas pitorescas da cidade, fica-se admirado dos poucos traços apparentes que deixaram esses dois seculos e meio em que Soleure foi uma pequena e afastada succursal da côrte de França.

Gracioso costume das camponezas de Soleure.

Pensamentos

Não faças nada, não emprehendas nada na colera: porias a vela durante a tempestade?

A infelicidade torna-nos muitas vezes injustos.

O templo protestante de Soleure.

Nossa alimentação

A TRUFA OU TUBERA

A trufa não é uma planta; não tem nenhum aspecto exterior, esconde-se na terra; não possue nem flôres nem folhas nem sementes; nasce sem ser semeiada. Leva um anno para formar-se e desenvolve-se na terra em pouca profundidade. Na França assim como em diversos paizes da Europa é com a ajuda do porco que descobrem as trufeiras: o seu olfato faz que elle acerte com o lugar onde estão enterradas. Em geral é nos terrenos um pouco humidos, arenosos que apparece esse *champignon* (tal é a classificação que os sabios lhe deram). Gosta da sombra dos carvalhos; existe mesmo uma especie d'essa arvore que é chamada carvalhos-trufeiros.

Em Portugal, onde ha muitas, a especie amarella, de delicioso sabor, é encontrada nos pinheiraes; mas alli não se emprega o porco para descobril-a, é com uma varinha dando pancadas no solo que descobrem as trufeiras: o segredo de conhecer pelo som o lugar das tuberas (como lá são chamadas) é passado de pae a filho, ficando na mesma familia, durante muitas gerações, esse officio bastante lucrativo. Coisa curiosa: a vizinhança das trufas mata as hervas e flôres. Algumas trufas são pretas e de aspecto rugoso, como as da Picardia (França), extremamente apreciadas pelos *gourmets*; as de Portugal como as de Italia são louras e lisas (fazem lembrar batatas pequenas); essas são até comidas cruas em salada ou fritas e misturadas com ovos mexidos.

A America do Norte já está produzindo trufas enormes, chegando a pesar até 10 kilos, quando as maiores da Europa alcançam apenas o tamanho d'um ovo de gallinha. As da Arabia são brancas como a neve, e elles ainda as cozinham no leite. Até na rampa do Vesuvio são encontradas trufas, mas dizem que essas não são apreciadas como as suas uvas, que produzem um vinho bem celebre, com um leve sabor a enxofre.

Não é de hoje que a trufa é apreciada, já fazia a delicia dos antigos Gregos e Romanos: desappareceu diante dos barbaros para apparecer nas mezas francezas no fim do seculo XVIII, depois d'um curto apparecimento no principio do seculo XV. Era muito apreciada nas ceias do tempo da Regencia e do reinado de Luiz XV. Antes da Revolução, uma ave trufada era um prato principesco, que apparecia muito raramente, mesmo nas mezas sumptuosas. Na época do Directorio, tornou-se mais commum, mas foi sómente ahi por 1823 que a sua glorificação foi completa.

Entre os amadores, deve ser citado Luiz XVIII, que costumava comer, segundo as memorias do seu medico o dr. Portal, tres duzias de trufas assadas sob a cinza, depois de ter comido um faisão e duas perdizes. O medico pregava-lhe em vão a sobriedade.

O marquez de Cussy era um grande apreciador da trufa preta mas só a comia quando cozida dentro d'uma gallinha. Os senadores romanos tiravam elles mesmo a pelle que cobre as trufas, tendo para esse fim facas com cabo de ouro.

Brillat-Savarin conta que o general Bisson comia uma perúa trufada acompanhada com dez garrafas de vinho.

Napoleão I era muito frugal; tambem aconselhava elle aos seus convidados irem jantar com o duque de Cambacérès, porque elle comia pouco e depressa. Era, com effeito, um gourmet o tal archichanceller. O seu prato preferido eram trufas recheiadas com carne de codorniz. Mas o duque pagava caro tal gulodice, porque não tinha o admiravel estomago do general Bisson.

O principe de Talleyrand foi quem inventou a "trufa á perigordine", que Carême, o celebre cozinheiro, nunca conseguiu fazer como elle, o que o fez perder muitas noites de somno. Aquelle prato, disse o dr. Roques, era uma composição magica, uma especie de philtro que fazia até os mudos fallarem. Ninguem conhece hoje a receita, o grande diplomata

-:- Toilettes para a noite -:-

1 — Vestido de crêpe Georgette azul pastel; a longa saia de ampla roda é guarnecida com applicações, o corpo muito singelo é trançado na frente e nas costas. 2 — Toilette de crêpe romain preto, a saia formada por babados en-forme do mesmo tecido branco e preto. 3 — Vestido de crepe Georgette branco. Os panneaux da saia com pregas duplas. Grande flôr na cintura de mousseline de seda branca e preta, com petalas de velludo. Casaco de velludo preto. 4 — Toilette de setim branco muito brilhante, saia muito longa en-forme, rosas vermelhas na cintura. Casaco de chamalote branco.

Manteau de lã côr de cinza, genero redingote. Golla e *revers* de seda branca.

1 — Vestido de crêpe da China beige. As pregas duplas da saia continuam em duplas nervures no corpo. Punhos e golla de crêpe branco. 2 — Manteau de crêpe marocain beige, guarnecido com grandes bolsos applicados.

Toilettes Matinaes

1 — Vestido de linho azul, com pala e golla de linho branco. 2 — Vestido de linho amarello guarnecido com o mesmo tecido côr de laranja, os panneaux da saia têm as pregas duplas do tecido côr de laranja. 3 — Vestido de linho côr de rosa; na golla e nas mangas uma tira de linho azul. Grandes botões de madreperola no corpo e na saia cortada en-forme. 4 — Vestido de shantung verde claro, guarnecido com tiras applicadas no corpo e na pala da saia. Dão largura á saia toda em volta godets applicados. Estreito babado de renda rodeia o decote.

PERU RECHEIADO COM TRUFAS
SALADA DE ALFACE

PUDIM DE CREME COM PISTACHE

SOPA DE LEGUMES COM MIUDOS DE GALLINHA

Põe-se para cozerem na agua da sopa os miudos de frango ou gallinha, juntamente com umas espigas de milho verde e umas cenouras, assim como umas folhas de repolho.

Antes que se desfaçam os miudos são tirados do caldo assim como as cenouras, que são em seguida picadas. Põe-se dentro da sopeira o picado de cenouras e miudos assim como umas rodellas de ovos cozidos e pedacinhos de pão fritos na manteiga. Despeja-se por cima o caldo da sopa bem coado.

LINGUADO A' LORD BYRON

Deve ser escolhido um linguado muito fresco, com bastante carne; lardeal-o com tiras muito finas de toucinho (?), depois escondel-o bem debaixo d'uma camada de fatias muito finas de trufas; despejar por cima um pouquinho de azeite e um bom copo de vinho de Alicante e um pouquinho de noz moscada, e vae para o forno.

Parece-nos que o toucinho póde ser supprimido com vantagem.

ARROZ COM ALHOS POIREAUX

Um mólho de poireaux dos quaes se aproveita sómente a parte branca; depois de raspados dá-se-lhes uma fervura na agua e sal, em seguida escorre-se bem a agua e pica-se; depois são despejados dentro de banha fervendo, á qual se juntou pedacinhos de toucinho (80 grs.); deixa-se refogar em fogo brando. Junta-se em seguida 125 grs. de arroz bem lavado, deixando-se refogar muito bem. Tempera-se com sal, pimenta e cobre-se com agua; deixa-se cozinhar o tempo que fôr necessario tendo-a levado com elle para o tumulo.

Lord Byron tinha uma paixão pelo macarrão, mas cobria-o com fatias de trufas; aliás punha trufas em todos os pratos. Entre as receitas deixadas por este celebre escriptor ha uma de linguado que tem o seu nome.

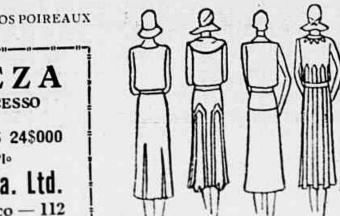
Um grande amigo das trufas era o grande musico Rossini. Um dia que jantava em casa da baroneza de Rothschild, tinham esquecido a salada. A dona da casa tendo se mostrado muito descontente com essa falta, o autor de Guilherme Tell pediu-lhe que mandasse vir algumas trufas e preparou alli mesmo uma esplendida salada, que tomou o nome de salada Rossini. Os convidados da baroneza declararam que "estava tão deliciosa, tão suave, tão encantadora que poder-se-ia dizer que era a trufa posta em musica."

MENU DE JANTAR

SOPA DE LEGUMES E MIUDOS DE GALLINHA

LINGUADO Á LORD BYRON
BATATAS COZIDAS

ARROZ COM ALHOS POIREAUX

Vestidos Singelos

1 — Vestido de toile de seda branca, abotoado ao lado com grandes botões de fantasia. 2 — Vestido de crepe da China branco, a saia guarnecida com *panneaux* incrustados nas cadeiras e recortada em baixo em petalas. Golla-fichu do proprio tecido. 3 — Vestido de linho azul claro; saia guarnecida com pregas na frente, golla branca, gravata e cinto azul marinho. 4 — Vestido de shantung vermelho; as pregas da saia vêm incrustar-se em ponta no corpo.

MODA INFANTIL

1 — Roupinha de linho branco guarnecida com applicações de linho côr de laranja. 2 — Vestido de *linon* rosa claro com applicações de linho azul. 3 — Manteau de tussor beige, guarnecido com tiras applicadas do proprio tecido e bordados de tons vivos. 4 — Vestido de *shantung* branco com applicações do mesmo tecido verde-amendoa. 5 — Vestidinho de linho azul claro com pala e barra de linho azul vivo. 6 — Roupinha de linho côr de rosa, guarnecida com viezes brancos.

para o arroz ficar cozido: uns vinte cinco a trinta minutos são, em geral, sufficientes.

PERU' RECHEADO COM TRUFAS

Depois do perú bem limpo prepara-se a seguinte massa para recheial-o. Refoga-se n'um pouco de manteiga o figado do perú e juntamente 250 grs. de figado de vitella picado; depois soca-se no pilão ou gral juntamente com pedacinhos de trufas, juntando-se 250 grs. de toucinho picado; molha-se com um calice de vinho Madeira. Na hora de recheiar o perú junta-se á massa uns pedaços de trufas (para o recheio emprega-se em geral 12 trufas, mas póde-se empregar a metade). A ave deve ser recheiada algumas horas antes de ir para o forno, para que a carne fique bem impregnada com o perfume das trufas.

Amarra-se em volta da ave tiras de toucinho e vae a assar no forno.

PUDIM DE CREME COM PISTACHE

Bate-se bem seis claras, juntando-se em seguida, aos poucos e batendo sempre, 175 grs. de assucar crystalizado; põe-se para ferver um litro e meio de leite n'uma vasilha bastante grande; quando estiver fervendo o leite vae se pondo para cozinhar dentro as claras batidas em colheradas, que se vae tirando em seguida com uma escumadeira e pondo-se de parte n'uma travessa.

Mistura-se em nove gemmas 175 grs. de assucar; despeja-se em cima dessas gemmas devagarinho o leite, que já não deve estar fervendo. Junta-se em seguida 200 grs. de pistaches socados.

Unta-se bem uma fôrma. Arruma-se no fundo as claras cozidas; despeja-se por cima o crême reservando uma parte para fazer o môlho (que se engrossará depois no fogo, mas não deixando ferver). A fôrma com o crême vae cozinhar em banho-maria ou no forno.

Será um caso para divorcio?

A Alta-Côrte de Budapest acaba de decidir uma questão muito delicada: a de saber se os pensamentos intimos d'uma esposa, annotados n'um diario, podem constituir uma causa de divorcio.

Uma senhora, Flora D..., ausentou-se de casa sem ter tido a cautela de fechar o diario intimo que escrevia desde o seu casamento. O marido apanhou esse caderno e leu-o. Soube por essa leitura que sua esposa o detestava e apenas tinha casado com elle por interesse. Dizia ainda mais que estava prompta, se encontrasse a occasião de divorciar, para casar com outro homem que ella pudesse amar.

O sr. D... depois dessa edificante leitura intentou uma acção de divorcio, mas teve que reconhecer que sua esposa não lhe tinha dado, pelo seu modo de proceder, motivos de queixa.

Nos dois primeiros julgamentos, teve ganho de causa, os juizes achando que nenhum casamento baseado sobre uma mentira podia ser reconhecido valido. Mas a Alta-Côrte, seguindo as conclusões do defensor de Mme. D..., o qual tinha feito crer que se tratava d'um "ensaio litterario", acaba de rejeitar o pedido de divorcio do marido "porque um casal não póde ser apreciado senão segundo as acções dos conjuges e não segundo as notas d'um jornal estrictamente destinado a ficar secreto."

A esperança é o sonho dum homem acordado.

Vestido de crêpe setim azul, saia cortada en-forme.

Ensemble de lã diagonal cinzento claro; *panneaux* da saia cortados en-forme. Golla e echarpe de seda azul escuro. Casaco com mangas raglan.

Renato de Oliveira (Minas Geraes) — 10 gottas em um copo com agua.

Darcio Rodrigues (Sta. Catharina) — De 3 em 3 dias.

Nicarcio Rocha (S. Paulo) — Bochechos frios com: Acido tannico 2,0; Tintura de iodo 4,0; Agua de hortelã 500,0.
Internamente comprimidos Cessatyl. Tome 1 de 3 em 3 horas até ao maximo de 5.

T. I. T. A. L. A. (S. Paulo) — A glycerina.

Selda Moraes (Minas Geraes) — Deve mandar extrahir quanto antes.

Carlos Tertuliano (S. Paulo) — Encontrará o que deseja nos Annaes do 3.º Congresso Odontologico Latino Americano, já publicados e distribuidos entre nós.

Ernani Silva (S. Paulo) — Provavelmente.

Gonçalves Rego (Rio) — Escreva para o presidente da Associação Central Brasileira de Cirurgiões-Dentistas para obter as informações que deseja.

Viriato Moscardo (S. Paulo) — Pivot.

Moraes Junior (S. Paulo) — Está no Manual Odontologico do professor Coelho e Souza.

Feliciano Junqueira (Estado do Rio) — Compressas quentes na região inflammada.

Monteiro (Minas Geraes) — Aniz verde 32,0; Canella 5,0; Cravo 0,50; Pyrethro 2,0; Cochonilha 3,0; Cremor de tartaro 2,5; Benjoim e Myrrha, ãã 1,0; Essencia de hortelã 2,0; Alcool 1.000,0. Em maceração 8 dias.

Carlos Lopes (S. Paulo) — Já foi publicada a resposta á sua carta.

Nicassio (Rio) — E' possivel.

S. (S. Paulo) — Tintura de iodo.

Miranda (S. Paulo) — Não.

ALEXANDRINO AGRA.

CONSULTORIO DA MULHER

Eugenia Rosa Marques — Aconselho-lhe o seguinte tratamento para fazer desapparecer as sardas. Antes de deitar lave o rosto com o sabonete *Sylkale*, juntando á agua uma colhér da *Loção dos Cravos*. Depois do rosto lavado e enxuto applique uma camada da *Pomada dos Cravos* e o *Pó de Lyrio Branco*. Ao levantar, faça novamente a mesma lavagem ao rosto e de três em tres horas applique a *Loção de Embellezar a Pelle* misturada em partes eguaes com agua oxygenada; enxugue e applique o *Pó de Arroz Hygienico*, para branquear a pelle. Observando sempre estes cuidados, obterá pelle limpa e saudavel.

Maria Nunes Mattos — Para ter uma bôa pelle é indispensavel limpal-a das impurezas que se accumulam nos seus milhares de póros. As pessôas que prezam a belleza e por consequencia a saude da cutis devem adoptar as seguintes regras hygienicas. Antes de deitar faz-se uma massagem com o *Crême de Massagem*, lavando em seguida o rosto com agua morna e sabonete *Sylkale*. Depois de ter lavado o rosto applica-se a *Loção de Embellezar a Pelle* e deixa-se enxugar espontaneamente. Ao levantar, faz-se novamente a massagem com o *Crême de Massagem*; a seguir á lavagem applica-se a *Loção Adstringente*; feito isto, limpa-se o rosto e applica-se o *Pó de Arroz Hygienico*. Este tratamento melhora o funccionamento da pelle, tonificando-a e tornando-a limpa, macia e conservando-lhe a formosura.

J. S. P. — Leia a resposta anterior, a Maria Nunes Mattos.

Marianna (Bahia) — O cabello oleoso deve ser lavado de cinco em cinco dias com meu *Shampoo-Pó*.

SELDA POTOCKA.